

Reformador

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA — DEUS, CRISTO E CARIDADE

ANO 123 — Nº 2.111 — FEVEREIRO 2005



Fé e Razão

“Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade.”

Nesta Edição:

Justiça - Fé raciocinada - Práticas exteriores



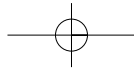
Allan
KARDEC
1804 - 2004



R\$ 4,00

ISSN 1413 - 1749





Reformador

Revista de Espiritismo Cristão
Ano 123 / Fevereiro, 2005 / Nº 2.111



Fundada em
21 de janeiro de 1883
Fundador: Augusto Elias da Silva

ISSN 1413-1749
Propriedade e orientação da
Federação Espírita Brasileira

Direção e Redação
Av. L-2 Norte — Q. 603 — Conj. F (SGAN)
70830-030 — Brasília (DF)
Tel.: (61) 321-1767; Fax: (61) 322-0523

Home page: <http://www.febnet.org.br>
E-mail: feb@febrasil.org.br
webmaster@febnet.org.br

| | |
|------------------|------------|
| Para o Brasil | |
| Assinatura anual | R\$ 30,00 |
| Número avulso | R\$ 4,00 |
| Para o Exterior | |
| Assinatura anual | US\$ 35,00 |
| Simples | US\$ 45,00 |
| Aérea | |

Diretor — Nestor João Masotti; Diretor-Substituto e Editor — Altivo Ferreira; Redatores — Affonso Borges Gallego Soares, Antonio Cesar Perri de Carvalho, Evandro Noleto Bezerra e Lauro de Oliveira São Thiago; Secretária — Sônia Regina Ferreira Zaghetto; Gerente — Amaury Alves da Silva; REFORMADOR: Registro de Publicação nº 121.P.209/73 (DCDP do Departamento de Polícia Federal do Ministério da Justiça), CNPJ 33.644.857/0002-84 — I. E. 81.600.503.

Departamento Editorial e Gráfico

Rua Souza Valente, 17

20941-040 — Rio de Janeiro (RJ) — Brasil

Tel.: (21) 2187-8282; Fax: (21) 2187-8298

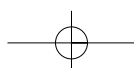
E-mail: redacao.reformador@febrasil.org.br

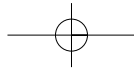
E-mail: assinaturas.reformador@febrasil.org.br

Capa: J. VICTTOR

Tema da Capa: **FÉ E RAZÃO**. A fé cega leva ao fanatismo e ao fundamentalismo; iluminada pela razão, torna-se inabalável e tolerante.

| | |
|--|----|
| EDITORIAL | 4 |
| Fé e Razão | |
| PRESENÇA DE CHICO XAVIER | 12 |
| Kardec e Napoleão – <i>Irmão X</i> | |
| ENTREVISTA: JASON DE CAMARGO | 15 |
| A honra de trabalhar pelo Espiritismo | |
| ESFLORANDO O EVANGELHO | 21 |
| Recapitulações – <i>Emmanuel</i> | |
| A FEB E O ESPERANTO | 28 |
| O euro unificou a Europa? – <i>Hélio Ribeiro Loureiro</i> | |
| PÁGINAS DA REVUE SPIRITE | 32 |
| Teoria dos Sonhos – <i>Allan Kardec</i> | |
| SEARA ESPÍRITA | 42 |
| Justiça – <i>Juvanir Borges de Souza</i> | 5 |
| Insucesso e êxito – <i>Joanna de Ângelis</i> | 8 |
| A busca – <i>Manoel da Silva Castro</i> | 9 |
| Não sabiam – <i>Richard Simonetti</i> | 10 |
| Em louvor da esperança – <i>Maria Dolores</i> | 11 |
| A missão de Kardec – <i>Espírito Verdade</i> | 14 |
| Os Espíritos e os fluidos – <i>Severino Barbosa</i> | 17 |
| Práticas exteriores – <i>Suely Caldas Schubert</i> | 18 |
| Fases da vida – <i>Washington Borges de Souza</i> | 20 |
| Fé raciocinada – <i>José Passini</i> | 22 |
| Página de fé – <i>Auta de Souza</i> | 24 |
| Diversidade Religiosa e Direitos Humanos | 25 |
| Aos meus bons companheiros – <i>Ubaldo Ramalhete</i> | 26 |
| O trabalhador e Jesus – <i>Guilherme March</i> | 27 |
| Retorno à Pátria Espiritual – <i>Aureliano Alves Netto</i> – <i>Vilma de Macedo Souza</i> | 29 |
| Carnaval – uma falsa alegria – <i>Adésio Alves Machado</i> | 30 |
| Campo Experimental de Brasília – Encerramento dos Cursos de 2004 | 31 |
| Repensando Kardec – Da Lei de Conservação – <i>Inaldo Lacerda Lima</i> | 34 |
| A força da oração – <i>Jorge Leite de Oliveira</i> | 38 |
| A visão do homem acerca da erraticidade – <i>Ismael Ramos das Neves</i> | 40 |
| Coração e Cérebro – <i>Meimei</i> | 41 |





Editorial

Fé e Razão

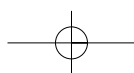
Durante muitos séculos o homem entendeu que a Fé, como atividade religiosa, não estava vinculada a nenhuma postura racional, sendo fruto da aceitação pura e simples decorrente de uma posição dogmática, imposta, sem necessidade de ser sustentada pelos princípios da razão.

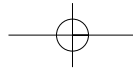
Por outro lado, à medida que as atividades científicas foram-se desenvolvendo, sempre vinculadas ao uso da lógica, cultivou-se a idéia de que a Ciência era incompatível com a Religião, uma vez que esta se apoiava em uma fé cega, não obrigatoriamente amparada na lógica dos fatos.

Diante do fenômeno mediúnico das mesas girantes – que estabeleceu o relacionamento dos homens com os Espíritos –, e habituado, como educador, ao exercício da razão, Allan Kardec observou que estava diante de um fato. E partindo do princípio de que todos os fatos têm suas leis, era necessário estudar esse fato para compreender as leis que o regulam.

Nas pesquisas que desenvolveu, Kardec constatou que, efetivamente, a mediunidade tem suas leis, como qualquer outro fenômeno, observando, também, que todas as leis da Natureza promanam do Criador. Se, de um lado, a Religião revela ao homem as Leis que emanam de Deus, estimulando a sua prática, por outro, a Ciência, pelo seu trabalho voltado à busca do conhecimento, descobre essas mesmas Leis e, ainda, as utiliza em benefício dos homens e da própria Natureza.

Com isto, Allan Kardec, codificando a Doutrina Espírita revelada pelos Espíritos Superiores e submetendo todos os seus ensinamentos a uma análise assentada no uso da lógica, edificou a ponte que liga a Fé à Razão, unindo, conseqüentemente, a Ciência à Religião. Demonstrando que as duas se completam, constatou, também, que essa união, à luz da Verdade, proporciona ao homem segurança no trato de questões que o afetam mais diretamente: utilizando a Razão, iluminada pela Fé, melhor compreende as Leis que emanam de Deus, e, utilizando a Fé, assentada na Razão, aplica de forma mais adequada essas mesmas Leis.





Justiça

Juvanir Borges de Souza

A suprema Justiça, eterna, infalível, incidindo sobre todos os seres, por pequenos ou grandiosos que sejam, paira sobre todo o Universo, sobre toda a criação de Deus.

A Lei de Justiça, ao lado da Lei de Amor, em um mundo atrasado, como o nosso, são de difícil entendimento para nós, seus habitantes, porque ainda não possuímos uma visão ampla da vida, para além do que se encontra sob o domínio de nossos sentidos físicos, de nossa memória restrita a esta existência e de nossa inteligência limitada.

Todas as concepções filosóficas e religiosas tradicionais, todas as teorias e opiniões políticas e sociais que a Humanidade tem conhecido e praticado, através dos milênios, demonstram o desconhecimento parcial ou total da Lei de Justiça estabelecida pelo Criador do Universo.

É natural que isso ocorra em um mundo de expiações e provas, caracterizado pelo atraso moral da maioria de seus habitantes, dominados pelo egoísmo e pelo orgulho, no plano moral, e pela ignorância, no que concerne ao transcendente.

As instituições humanas, políticas ou sociais, refletem a natureza do próprio homem. Por isso, a Justiça pura, soberana, é apenas um

ideal, que ainda está longe de ser alcançado.

Por enquanto, a luta dos habitantes deste orbe há que visar a reeducação de sua população, corrigindo e melhorando suas instituições, aperfeiçoando continuamente a legislação humana, atenuando as desigualdades, suprimindo a miséria moral e material, tal como vem lentamente acontecendo, reafirmando que a Lei do Progresso é um fato.

A História registra o progresso imenso na organização social, tais como a supressão da escravidão racial; a modificação das sujeições dos vencidos aos vencedores, nas guerras de conquista, desaparecendo a dizimação das populações vencidas, ou sua escravização; o controle de diversas doenças antes incuráveis, com a evolução da Medicina; a segunda revolução industrial, iniciada no século XIX, e que prossegue na atualidade, em nova fase, com o rádio, a televisão e o computador; o extraordinário progresso das ciências; a conquista progressiva da liberdade de pensamento, de expressão, de reunião; as limitações das tiranias e das perseguições religiosas.

A simples enumeração das conquistas humanas demonstra a realidade da Lei do Progresso.

Acima da poeira dos séculos, dos interesses menores e das paixões, o pensamento humano jamais deixará de receber a influência benfazeja da Causa Primária de todas as coisas, presente em todo o Universo com suas leis justas e equânimes.

Embora lentamente, o homem vai percebendo a evolução da vida por toda parte, em todos os mundos, e a Terra não poderia ser exceção. Por isso, a Lei do Progresso é um fato no nosso mundo, lei que se cumpre em consonância com os cânones de uma Justiça superior, indefectível.

O conjunto das Leis Morais que a Doutrina Espírita revelou, desdobramento da síntese ensinada por Jesus – Amar – a Deus, ao próximo e a nós mesmos, mostra-nos uma Unidade Essencial a que chamamos Deus, mas que não podemos definir na linguagem humana. Definir é limitar, e não podemos limitar o que é infinito.

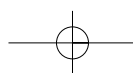
Daí a sabedoria dos Espíritos Reveladores, ao responderem a Allan Kardec à primeira questão de *O Livro dos Espíritos*:

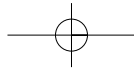
“Que é Deus?”

“Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.”

Podemos perceber na resposta, não uma definição, mas uma constatação, ou seja, a verdade de um fato, uma comprovação, uma verificação inteligível, sentida, mesmo sem definição limitativa.

Assim, Deus, na concepção espírita, não se confunde com o Universo criado por Ele; nem é o Deus do panteísmo, ou o Deus antropomorfo, concebido por diversas religiões, mas é o Ser absoluto, eterno, justo, que assiste a toda sua criação com Amor e Justiça. ➤





A Inteligência Suprema é uma presença permanente, que se revela ao pensamento e aos sentimentos das Suas criaturas que já chegaram a determinado nível de entendimento.

Aqueles que sentem a presença de Deus sabem que Ele está em toda parte, e não somente nos templos construídos pelos homens. Está dentro de nós, na Natureza, na vida que estua e se expande pelos bilhões de mundos e galáxias do Universo infinito.

Ele é o “Pai Nosso”, no ensino simples e justo de Jesus.

É a Vontade que dirige os Universos, sob leis sábias e justas, pon-do à mostra a harmonia reinante em todo o Cosmo, sem prejuízo da liberdade concedida aos Espíritos por Ele criados, para as mais diferentes conjeturas.

Essa liberdade, que sentimos no imo de nosso ser, presente nos Espíritos de diferentes estágios, demonstra a Justiça imanente que provém de Nosso Pai, deixando a cada um a libertação dos erros e o encontro com a sabedoria.

O caminho do conhecimento e do aperfeiçoamento dos sentimentos é percorrido por etapas, de grau em grau, em vidas sucessivas nos mundos materiais e em linha convergente nas esferas espirituais. Cada um desses graus aproxima mais a criatura de seu Criador. O mérito pelo próprio aperfeiçoamento é mais uma demonstração segura da Justiça Divina, tal como ensinou o Cristo: “A cada um segundo suas obras.”

O Deus de nossos corações, quando despertamos com a Luz em nossas consciências, é uma mensagem que se traduz em Amor, Justiça, Beleza, Perfeição.

...

Sob os ensinamentos do Cristo e do Consolador, não se pode conceber Deus sem o infinito das perfeições.

Todo o poder, todo o amor, toda a justiça, toda a bondade são seus atributos, resumidos no Bem absoluto.

Sendo soberanamente justo e bom, não pode agir com parcialidade, caprichosamente, a favor ou contra uma individualidade, um grupo, uma nação, ou toda a Humanidade. Isto é intuitivo, lógico, fácil de deduzir.

O homem é causador de seus próprios infortúnios e sofrimentos

Como entender-se, então, tantas contradições com esses princípios racionais e justos, encontradas em antigas escrituras e livros sagrados de diversos povos, inclusive no Velho Testamento?

Só se pode justificar tais contradições com o estágio evolutivo desses povos, por ocasião da formulação de seus livros sagrados, o que justifica as retificações feitas posteriormente.

Foi o que ocorreu com a Mensagem e a exemplificação de Jesus, o Cristo, com relação ao Velho Testamento, demonstrando que o Deus de Amor e de Justiça não pode ser, ao mesmo tempo, o Deus dos exércitos, responsável por tantas iniquidades, nem o Deus exclu-

sivo de um povo, em detrimento do restante da Humanidade.

De outro lado, como justificar-se a existência de tantas vicissitudes, tantas diferenças individuais entre os homens que vivem na Terra? Deve haver uma causa para tais realidades e justa deve ser essa causa, pois Deus é sempre justo.

Foram os ensinamentos de Jesus, sua exemplificação, e o Consolador por Ele prometido e enviado – o Espiritismo – que deram à Humanidade a compreensão dessa *causa*, mostrando a justiça e a bondade infinitas do Criador.

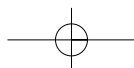
As reencarnações sucessivas e os estágios diferentes em que se encontram os Espíritos explicam, de forma satisfatória, as vicissitudes, os sofrimentos e a multiplicidade de situações individuais dos habitantes da Terra, dentro do princípio da responsabilidade de cada um por seus atos.

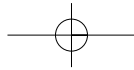
Os males, as vicissitudes, as dificuldades, as doenças, a miséria, os obstáculos de toda ordem têm suas causas no caráter e no procedimento individual do Espírito na vida presente, ou têm sua origem em suas vidas passadas.

Pelas leis divinas, sempre justas, todo erro, excessos de todo gênero, imprevidência, ambição desmedida, ingratidão, orgulho, egoísmo e tudo que não se ajuste ao bem são de responsabilidade de quem os pratique e devem ser retificados devidamente.

Portanto, o homem é o causador de seus próprios infortúnios e sofrimentos e somente por ignorância acusa a Providência, a má sorte e a infelicidade.

A lei humana pune determinadas faltas, mas está longe de atingir a todas elas.





A lei divina, infalível em seu mecanismo, tem por objetivo o progresso das criaturas e por isso determina a retificação de quaisquer desvios, erros e suas consequências.

Pela Revelação Espírita podemos perceber a conjugação perfeita das Leis Divinas ou Naturais.

A Lei de Justiça funciona em consonância com a Lei do Progresso e com o princípio da reencarnação.

Sem o conhecimento dessas leis torna-se difícil perceber que a Justiça Divina é infalível e jamais se interrompe no Universo. Em sua infinita bondade, Deus faculta a todos os Espíritos reparar seus erros, sejam eles rebeldes, ignorantes, endurecidos ou desejosos de corrigir o mal praticado.

É pelo atendimento da Lei de Justiça e das vidas sucessivas que podemos compreender a monstruosidade da concepção de *céu e inferno*, tal como no-los apresentaram os teólogos de determinadas religiões, há milhares de anos.

Como compreender-se o Amor e a Justiça de Deus, se Ele condenasse ao sofrimento do inferno eterno seus filhos faltosos, quando até os pais humanos são capazes de perdoar-lhes suas culpas e erros?

As leis de Justiça e de Amor, que sintetizam todas as demais leis morais, estão na Natureza, e por isso os Espíritos Reveladores as denominam Leis Divinas ou Naturais.

Estão presentes em todo o Universo e, portanto, regem a vida do homem na Terra, seu presente, passado e futuro.

Quando as instituições sociais da Terra refletirem a justiça e o amor da lei divina, este orbe estará regenerado juntamente com seus

habitantes, não mais havendo predominância do egoísmo, do orgulho e da ignorância, como na atualidade.

Será a idade em que não mais haverá guerras, extremos de miséria, distinções de raças e castas. As leis humanas e as relações entre os povos, assim como as religiões, traduzirão a fraternidade legítima que promana de um Deus único, de justiça, de amor e de sabedoria.

Esse ideal não é simples especulação, desde que se atente no movimento progressivo como uma realidade de fácil constatação, ao se comparar duas épocas da história humana neste mundo. O homem procura ser feliz e a Lei do Progresso funciona em seu benefício.

O Espiritismo oferece as bases seguras para o progresso intelectual e moral do homem.

Na sua abrangência, a Doutrina do Consolador oferece aos habitantes deste mundo a oportunidade para o crescimento espiritual, com os conhecimentos classificados de científicos e filosóficos, compreendendo tudo o que é verdadeiro nos domínios da matéria e do espírito.

Mas o verdadeiro progresso abrange o *conhecimento*, e também o campo dos *sentimentos*, resumidos por Jesus no *amor*.

Na Terra, Jesus é o exemplo a ser seguido. Como Governador espiritual da Humanidade seu devotamento abrange todas as civilizações, através dos milênios, ensinando o amor e a justiça e deixando aos próprios homens a busca dos conhecimentos científicos.

Sua bondade e paciência para com todos os homens comprovam que seu Envagelho é o caminho certo para a evolução moral de ca-

da um. A Boa Nova, agora repetida no Consolador, sem desrespeitar o livre-arbítrio de cada aprendiz, espera o livre convencimento individual, sem imposições, para que cada qual tenha o mérito de seu progresso espiritual.

Comprovando suas lições, o Mestre viveu servindo e ensinando, e morreu na cruz pedindo ao Pai perdão para seus algozes, porque “não sabem o que fazem”.

Eis alguns de seus ensinamentos, registrados pelos Evangelistas (*Caminho, Verdade e Vida*, cap. 169, Ed. FEB, p. 353-354):

“Se alguém quiser vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me.

Amai vossos inimigos.

Orai pelos que vos perseguem e caluniam.

Bendizei os que vos maldizem.

Emprestai sem nada esperar-des.

Não julgueis para não serdes julgados.

Entre vós, o maior seja servo de todos.

Buscai a porta estreita.

Eis que vos envio como ovelhas ao meio dos lobos.

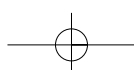
No mundo, tereis tribulações.”

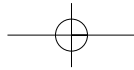
...

Nos quadros das lutas terrenas é que cada um de nós se aperfeiçoa, moral e intelectualmente.

O desenvolvimento dos sentimentos do amor e da justiça, no imo de nosso ser, cabe a nós mesmos.

A nós, espíritas convictos, não cabem mais as dúvidas e as atitudes contemplativas, mas a confiança e a firmeza no avanço para o grande porvir. ■





Insucesso e êxito

O processo evolutivo é um empreendimento desafiador, caracterizado por experiências sucessivas que se armazenam no ser, oferecendo-lhe os valores que contribuem para a continuidade da realização.

Cada etapa vencida enseja um novo patamar a ser conquistado, em atividade relevante, ascensional.

Liberando-se do primarismo o Espírito direciona-se para a sabedoria mediante os investimentos do esforço, da temperança e do sacrifício, porquanto a sua é a meta que se aureola de plenitude.

Normalmente esse labor acontece através de diferentes mecanismos educativos que facultam a aprendizagem, a fim de que seja alcançado o êxito, nem sempre de fácil acesso.

Acredita-se, com certa dose de ingenuidade, que o sucesso é um alvo muito simples de ser conquistado, e que os triunfadores, por isso mesmo, transitaram por caminhos atapetados de êxitos e forrados de facilidades confortáveis.

Quem observe a outrem que alcançou o topo no empreendimento encetado, não poderá fazer idéia dos empecilhos que foram enfrentados, nem dos insucessos que ocorreram.

Em cada um deles, porém, res-

sumou uma experiência iluminativa para o próximo enfrentamento, estimulando ao seguinte passo de segurança.

Em face desse estímulo, às dificuldades enfrentadas sucedem-se os resultados edificantes, muitas vezes recheados de insucessos.

Insucesso, portanto, é lição valiosa que contribui de maneira incontestável para o futuro êxito.

Einstein, por exemplo, referia-se que quase sempre noventa e nove por cento dos seus raciocínios eram equivocados, mas o centésimo sempre apresentava a solução para o problema em pauta.

Por isso, não desanimava, jamais considerando insucessos aqueles esforços envidados que não foram exitosos. O que merecia perseverança era o desejo de alcançar o resultado feliz, não sendo contabilizados os investimentos aplicados.

É importante, desse modo, nunca descoroçoar na atividade empreendida, por mais penosa que se apresente.

Não desistir de encontrar a mais segura maneira para lograr os resultados felizes constitui o dever de todo aquele que se empenha pelo melhor.

Conceituou-se sucesso como sendo a conquista do objetivo a qualquer preço, mesmo que se empenhando os valores morais, que ficarão ultrajados.

Esse aparente êxito, no entanto, é portador de sabor amargo, deixando travo de fel na consciência.

Momentaneamente permanecem em plano secundário, enquanto se frui a glória que proporciona prazer, até que a sucessão dos dias engendre o tédio, a indiferença, a perda do sentido existencial da vida.

Ninguém alcança o êxito, sem que antes não vivencie diversos insucessos, que ensinam como não se deve operar, quando na busca de resultados opimos.

...

A existência humana enriquece-se cada vez mais, na razão direta em que o indivíduo adiciona conhecimentos e experiência, emoções e ações que o impulsionam para a frente.

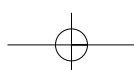
Há, desse modo, uma significativa diferença entre o insucesso e o fracasso.

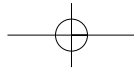
O primeiro representa um resultado negativo, o não êxito, enquanto que o outro proporciona um efeito desastroso.

O fracasso expressa falência de recursos, perda dos investimentos, produzindo desespero, em face do prejuízo irrecuperável.

A pessoa falida perde a credibilidade e tem o nome associado à desonestidade, à conduta irregular. Por conseqüência, considera a oportunidade perdida, tombando na frustração, quando não derreia na aflição desmedida.

O insucesso, no entanto, quando bem absorvido, proporciona o necessário ânimo para novos tenta-





mes, agora com a carga da experiência malsucedida, que evita repetir o processo empregado anteriormente.

O homem e a mulher empreendedores sempre consideram os riscos que se apresentam nas atividades a que se entregam como inevitáveis. Por isso, examinam-nos, procurando mecanismos de superação e recursos de diminuição em número de ocorrências, a fim de que não impeçam o êxito.

Dessa forma, quando ocorrem os percalços, antecipadamente aguardados, dispõem de bons estímulos para dar prosseguimento ao compromisso.

Uma batalha perdida não representa o fracasso de uma tropa, o que somente ocorre quando se trata daquela que decide a guerra.

No que diz respeito à existência humana, cabe sejam avaliadas as aquisições do conhecimento e dos valores morais, a fim de que se estabeleçam metas que se devem alcançar, mesmo após tropeços e quedas.

O falso conceito de que muitos indivíduos são beneficiados por causa das facilidades de que desfrutam aflige aqueles que se defrontam com obstáculos, sentindo-se desprestigiados.

Sem dúvida, ocorrem conquistas menos penosas, no entanto, quando não se fazem assinalar por esforços que desenvolvem a capacidade de discernimento para bem conduzir, os desastres posteriores chegam irrefragáveis.

Quando não se aprendeu a realizar, não se tem capacidade para administração nem preservação do que foi conquistado.

A sabedoria ensina que o insucesso e a dificuldade tornam-se mes-

tres que orientam para o logro do êxito.

Ninguém é especial, irretocável, que viva aquinhado com ininterruptos sucessos até o momento em que chega ao ápice da carreira.

Isso acontece apenas nos contos de fadas e nas fábulas ancestrais.

Tudo exige esforço, empenho, luta.

A busca do sucesso é resultado de uma bem empreendida realização, que também se faz assinalar por alguns prejuízos durante a sua execução.

...

Jesus, que veio à Terra investido da tarefa de construir nos corações o *reino de Deus*, empenhou-se com total abnegação, sem que, no entanto, haja logrado de imediato o resultado que almejava.

Sabia, porém, que deveria colocar primeiro os pilotis da gloriosa construção, e que o tempo, mediante os processos evolutivos através da História, se encarregaria de materializar a tarefa.

Quem O visse acimado pelos ódios e perseguições gratuitos, derreado na cruz, pensaria que Ele não houvera alcançado o sucesso da Sua missão. No entanto, foi através desse aparente fracasso que Ele logrou o êxito total, implantando a esperança e a alegria defluentes do amor nas almas pelos tempos do futuro.

Joanna de Ângelis

(Página psicografada pelo médium Divaldo P. Franco, na sessão mediúnica da noite de 8 de setembro de 2004, no Centro Espírita Caminho da Redenção, em Salvador, Bahia.)

A busca

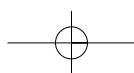
Manoel da Silva Castro

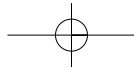
Buscava a Deus, na luz que resplendia,
Na força do esplendor da madrugada,
Ele era a luz da límpida alvorada,
E o resplendor do sol que aparecia.

Deus, era a paz cantante da harmonia,
O amor de toda alma abençoada,
A claridade azul anunciada,
Em todo o despontar de cada dia.

Deus, é o Supremo Amor. A natureza.
O encanto. A abstração que há na beleza,
O cosmo imenso. A vastidão do mar.

Deus, é a Suprema Altura. A atmosfera.
A força na expressão de cada fera.
A Luz do ser enfim que sabe amar.





Não sabiam

Richard Simonetti

No balanço dos quatro primeiros anos do Terceiro Milênio, há um destaque lamentável para o ato terrorista cometido por fanáticos suicidas, em Nova Iorque, sacrificando milhares de pessoas, no fatídico onze de setembro.

O mais impressionante é a preensão de seus mentores em situá-los como mártires, que se imolaram em nome de Deus para combater, segundo eles, o “grande satã”, os americanos.

Chocante a crueldade de um ato dessa natureza, sem levar em consideração que os milhares de mortos compunham um universo de várias nacionalidades, de todos os continentes.

Foi um atentado abominável, cometido não contra uma nacionalidade, mas contra a Humanidade.

...

Líderes espertos e mal-intencionados convencem seus ingênuos seguidores de que se morrerem assim, matando-se e levando muita gente junto, estarão habilitados ao paraíso.

E há irresistível benefício extra: Terão, a servi-los, cada um deles, setenta e duas virgens.

Um harém no Além!

A incrível luxúria consentida e até estimulada!

É estarrecedor o que faz o fanatismo religioso inspirado na ignorância.

Falta a esses fundamentalistas um mínimo de bom senso, considerando que:

- Americanos e todos aqueles a quem devotam ódio são filhos de Deus também. Estranha forma de servir a um pai, aniquilando os próprios irmãos.
- Os suicidas, particularmente aqueles que morrem para matar, habilitam-se a um estágio depurador em regiões umbrilinas, onde amargarão, por longo tempo, os paroxismos da consciência atormentada.
- Reencarnando, enfrentarão dolorosas limitações físicas e mentais, a refletirem os desajustes perispirituais provocados pelo suicídio.
- Atos dessa natureza, longe de favorecerem o entendimento e a solução dos problemas que envolvem os países, apenas os acirram, gerando reações em cadeia que fazem incontáveis vítimas.

Pobres infelizes, submetidos pela própria agressividade a séculos de sofrimentos para consertar os es-

tragos feitos em sua biografia espiritual.

Guardassem a mínima noção sobre a vida além-túmulo e teriam, segundo a expressão simbólica de Jesus, cortado as próprias mãos, antes de usá-las para cometer o bárbaro crime.

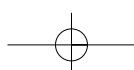
...

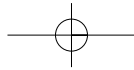
Essa tendência de satanizar os profíctes de outras religiões ou culturas, com a disposição de combatê-los até a morte, demonstra para onde nos leva o fanatismo.

É assunto antigo.

A História está repleta de exemplos dessa natureza:

- Os judeus do Velho Testamento passavam a fio de espada, em terra inimiga, tudo o que tivesse fôlego.
- Os romanos sacrificavam cristãos nos espetáculos dantescos do Circo.
- Os cristãos dizimavam populações árabes, nas Cruzadas, guerras de conquista realizadas em nome daquele que não tinha onde reclinar a cabeça (Mateus, 8:20).
- Os católicos, assassinando protestantes, na noite de São Bartolomeu.





- Protestantes e católicos, envolvidos em intermináveis lutas, na Irlanda do Norte.
- Judeus e árabes, a se digladiarem em sangrentas disputas por um pedaço de terra.

E continua o morticínio, em pleno século XXI, nos albores do Terceiro Milênio, decantado como o início de uma civilização cristianizada, onde todas as guerras seriam eliminadas e todas as divergências seriam superadas.

...

Capítulo especial envolve o Espiritismo, satanizado por correntes religiosas que apontam os espíritas como cultores do demo.

Não fosse a índole fraterna do brasileiro, infenso aos conflitos armados entre religiosos, e certamente teríamos aqui lamentáveis espetáculos de agressão aos profitentes espíritas.

Temos, ainda, a nosso favor, o trabalho no campo da solidariedade, que conquista a simpatia da população e mantém intocado o prestígio das instituições espíritas que, embora constituindo minoria no contexto religioso, superam as majoritárias pela extensão e eficiência dos serviços prestados à coletividade.

É esse exemplo maravilhoso, tão bem definido por Kardec, na máxima *Trabalho, Solidariedade, Tolerância*, que um dia acabará com todas as guerras, ensinando, com Jesus, que as bem-aventuranças celestiais estão reservadas não aos que mais matarem, mas aos que mais servirem. ■

Em louvor da esperança

Escuta, coração:

Quando a mágoa te aflija
E a incompreensão te zurza implacável e rija,
Jamais te dês aos gritos da exaustão!...
Revolta é furacão a sacudir
O campo, o ninho, a escola, o templo, a casa,
E tudo danifica ou tudo arrasa
Quando vem a surgir...

Quando o pranto amarfanhe os olhos teus,
Não mostres tuas lágrimas benditas;
Aprende a recolher no campo em que transitas
Os ensinamentos de Deus!...
Tudo na Terra é santa aspiração...
Serenamente a planta aguarda o fruto amigo
E o próprio fruto anseia estar contigo
Para a vitória humilde de ser pão.

Nasce a fonte cantando, a borbulhar...
De início é um fio pobre de água mansa,
Mas, porque espera, serve e não descansa,
Desce ao bojo do rio e acha a glória do mar!...

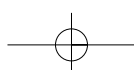
O charco espera a mão do lavrador
E, um dia, plasma em lama, lodo e estrume,
Um jarro gigantesco de perfume
A enfeitar-se de flor!...

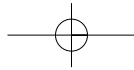
Nota que a porcelana aprimorada
Foi barro que aceitou a disciplina...
A pérola mais fina
Veio na dor da ostra torturada!...
O violino que atende e se consome
Por dar à melodia apoio e desempenho
Não passava de um lenho
Na floresta sem nome!...

Detém-te, coração, pensando nisso:
No mundo o que há de belo, grande e santo
É persistência e esforço, canto a canto,
Da esperança em serviço!...
Empenha-te a servir, aprender, construir, tolerar,
Em tudo é sempre o Amor Puro e Perfeito
Porque nunca se cansa de esperar!...

Maria Dolores

Fonte: XAVIER, Francisco C. *Poetas Redivivos*. Diversos Espíritas. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, cap. 49, p. 77-78.





PRESENÇA DE CHICO XAVIER

Kardec e Napoleão

Logo após o 18 Brumário (9 de novembro de 1799), quando Napoleão se fizera o Primeiro-Cônsul da República Francesa, reuniu-se, na noite de 31 de dezembro de 1799, no coração da latinidade, nas Esferas Superiores, grande assembléia de Espíritos sábios e benevolentes, para marcarem a entrada significativa do novo século.

Antigas personalidades da Roma imperial, pontífices e guerreiros das Gálias, figuras notáveis da Espanha, ali se congregavam à espera do expressivo acontecimento.

Legiões dos Césares, com os seus estandartes, falanges de batalhadores do mundo gaulês e grupos de pioneiros da evolução hispânica, associados a múltiplos representantes das Américas, guardavam linhas simbólicas de posição de destaque.

Mas não somente os latinos se faziam representados no grande conclave. Gregos ilustres, lembrando as confabulações da Acrópole gloriosa, israelitas famosos, recordando o Templo de Jerusalém, deputações eslavas e germânicas, grandes vultos da Inglaterra, sábios chineses, filósofos hindus, teólogos budistas, sacrificadores das divindades olímpicas, renomados sacerdotes da Igreja Romana e continuado-

res de Maomet ali se mostravam, como em vasta convocação de forças da ciência e da cultura da Humanidade.

No concerto das brilhantes delegações que aí formavam, com toda a sua fulguração representativa, surgiam Espíritos de velhos batalhadores do progresso que voltariam à liça carnal ou que a seguiriam, de perto, para o combate à ignorância e à miséria, na laboriosa preparação da nova era da fraternidade e da luz.

No deslumbrante espetáculo da Espiritualidade Superior, com a refulgência de suas almas, achavam-se Sócrates, Platão, Aristóteles, Apolônio de Tiana, Orígenes, Hipócrates, Agostinho, Fénelon, Jordano Bruno, Tomás de Aquino, S. Luís de França, Vicente de Paulo, Joana d'Arc, Teresa d'Ávila, Catarina de Siena, Bossuet, Spinoza, Erasmo, Milton, Cristóvão Colombo, Gutenberg, Galileu, Pascal, Swedenborg e Dante Alighieri, para mencionar apenas alguns heróis e paladinos da renovação terrestre; e, em plano menos brilhante, encontravam-se, no recinto maravilhoso, trabalhadores de ordem inferior, incluindo muitos dos ilustres guilhotinados da Revolução, quais Luís XVI, Maria Antonieta, Robespierre, Danton, Madame Roland, André Chénier, Bailly, Camille Desmoulins, e grandes vultos como Voltaire e Rousseau.

Depois da palavra rápida de al-

guns orientadores eminentes, invisíveis clarins soaram na direção do plano carnal e, em breves instantes, do seio da noite, que velava o corpo ciclópico do mundo europeu, emergiu, sob a custódia de esclarecidos mensageiros, reduzido cortejo de sombras, que pareciam estranhas e vacilantes, confrontadas com as feéricas irradiações do palácio festivo.

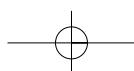
Era um grupo de almas, ainda encarnadas, que, estrangidas pela Organização Celeste, remontavam à vida espiritual, para a reafirmação de compromissos.

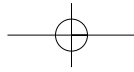
À frente, vinha Napoleão, que centralizou o interesse de todos os circunstantes. Era bem o grande corso, com os seus trajes habituais e com o seu chapéu característico.

Recebido por diversas figuras da Roma antiga, que se apressavam em oferecer-lhe apoio e auxílio, o vencedor de Rivoli ocupou radiosa poltrona que, de antemão, lhe fora preparada.

Entre aqueles que o seguiam, na singular excursão, encontravam-se respeitáveis autoridades reencarnadas no Planeta, como Beethoven, Ampère, Fulton, Faraday, Goethe, John Dálon, Pestalozzi, Pio VII, além de muitos outros campeões da prosperidade e da independência do mundo.

Acanhados no veículo espiritual que os prendia à carne terrestre, quase todos os recém-vindos





banhavam-se em lágrimas de alegria e emoção.

O Primeiro-Cônsul da França, porém, trazia os olhos enxutos, não obstante a extrema palidez que lhe cobria a face. Recebendo o louvor de várias legiões, limitava-se a responder com acenos discretos, quando os clarins ressoaram, de modo diverso, como se se pusessem a voar para os cimos, no rumo do imenso infinito...



Imediatamente uma estrada de luz, à maneira de ponte levadiça, projetou-se do Céu, ligando-se ao castelo prodigioso, dando passagem a inúmeras estrelas resplendentes.

Em alcançando o solo delicado, contudo, esses astros se transformavam em seres humanos, nimbados de claridade celestial.

Dentre todos, no entanto, um deles avultava em superioridade e beleza. Tiara rutilante brilhava-lhe na cabeça, como que a aureolar-lhe de bênçãos o olhar magnânimo, cheio de atração e doçura. Na destra, guardava um cetro dourado, a recamar-se de sublimes cintilações...

Musicistas invisíveis, através dos zéfiros que passavam apressados, prorromperam num cântico de hosanas, sem palavras articuladas.

A multidão mostrou profunda reverência, ajoelhando-se muitos dos sábios e guerreiros, artistas e pensadores, enquanto todos os pendões dos vexilários arriavam, silenciosos, em sinal de respeito.

Foi então que o grande corso

se pôs em lágrimas e, levantando-se, avançou com dificuldade, na direção do mensageiro que trazia o báculo de ouro, postando-se, genuflexo, diante dele.

O celeste emissário, sorrindo com naturalidade, ergueu-o, de pronto, e procurava abraçá-lo, quando o Céu pareceu abrir-se diante de todos, e uma voz enérgica e doce, forte como a ventania e veludosa como a ignorada melodia da fonte, exclamou para Napoleão, que parecia eletrizado de pavor e júbilo, ao mesmo tempo:

– Irmão e amigo ouve a Verdade, que te fala em meu espírito! Eis-te à frente do apóstolo da fé, que, sob a égide do Cristo, descerrará para a Terra atormentada um novo ciclo de conhecimento...

César ontem, e hoje orientador, rende o culto de tua veneração, ante o pontífice da luz! Renova, perante o Evangelho, o compromisso de auxiliar-lhe a obra renascente! ...

Aqui se congregam conosco lidadores de todas as épocas. Patriotas de Roma e das Gálias, generais e soldados que te acompanharam nos conflitos da Farsália, de Tapso e de Munda, remanescentes das batalhas de Gergóvia e de Alésia aqui te surpreendem com simpatia e expectativa... Antiga-



mente, no trono absoluto, pretendias-te descendente dos deuses para dominar a Terra e aniquilar os inimigos... Agora, porém, o Supremo Senhor concedeu-te por berço uma ilha perdida no mar, para que te não esqueças da pequenez humana e determinou voltasses ao coração do povo que outrora humilhaste e escarneceste, a fim de que lhe garantas a missão gigantesca, junto da Humanidade, no século que vamos iniciar.

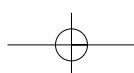
Colocado pela Sabedoria Celeste na condição de timoneiro da ordem, no mar de sangue da Revolução, não olvides o mandato para o qual foste escolhido.

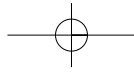
Não acredites que as vitórias das quais foste investido para o Consulado devam ser atribuídas exclusivamente ao teu gênio militar e político. A Vontade do Senhor expressa-se nas circunstâncias da vida. Unge-te de coragem para governar sem ambição e reger sem ódio.

Recorre à oração e à humildade para que te não arrojes aos precipícios da tirania e da violência!...

Indicado para consolidar a paz e a segurança, necessárias ao êxito do abnegado apóstolo que descortinará a era nova, serás visitado pelas monstruosas tentações do poder.

Não te fascines pela vaidade que buscará coroar-te a frente... Lembra-te de que o sofrimento do povo francês, perseguido pelos flagelos da guerra civil, é o preço da liberdade humana que deves defender, até o sacrifício.





Não te macules com a escravidão dos povos fracos e oprimidos e nem enlameies os teus compromissos com o exclusivismo e com a vingança!...

Recorda que, obedecendo a injunções do pretérito, renasceste para garantir o ministério espiritual do discípulo de Jesus que regressa à experiência terrestre, e vale-te da oportunidade para santificar os excelsos princípios da bondade e do perdão, do serviço e da fraternidade do Cordeiro de Deus, que nos ouve em seu glorificado sôlio de sabedoria e de amor!

Se honrares as tuas promessas, terminarás a missão com o reconhecimento da posteridade e escalarás horizontes mais altos da vida, mas, se as tuas responsabilidades forem menosprezadas, sombrias aflições amontoar-se-ão sobre as tuas horas, que passarão a ser gemidos escuros em extenso deserto...

Dentro do novo século, começaremos a preparação do terceiro milênio do Cristianismo na Terra.

Novas concepções de liberdade surgirão para os homens, a Ciência erguer-se-á a indefiníveis culminâncias, as nações cultas abandonarão para sempre o cativeiro e o tráfico de criaturas livres e a religião desatará os grilhões do pensamento que, até hoje, encarceram as melhores aspirações da alma no inferno sem perdão!...

Confiamos, pois, ao teu espírito valoroso a governança política dos novos eventos e que o Senhor te abençoe!...

Cânticos de alegria e esperança anunciaram nos céus a chegada do século XIX e, enquanto o Espírito da Verdade, seguido por várias coortes resplandcentes, voltava pa-

ra o Alto, a inolvidável assembleia se dissolvia...

O apóstolo que seria Allan Kardec, sustentando Napoleão nos braços, conchegou-o de encontro ao peito e acompanhou-o, bondosamente, até religá-lo ao corpo de carne, no próprio leito.

Em 3 de outubro de 1804, o mensageiro da renovação renasceu num abençoado lar de Lião, mas o Primeiro-Cônsul da República Francesa, assim que se viu desembarçado da influência benéfica e protetora do Espírito Allan Kardec e de seus cooperadores, que retomavam, pouco a pouco, a integração com a carne, confiantes e otimistas, engalanou-se com a púrpura do mando e, embriagado de poder, proclamou-se Imperador, em 18 de maio de 1804, ordenando a Pio VII viesse coroá-lo em Paris.

Napoleão, contudo, convertendo celestes concessões em aventuras sanguinolentas, foi apressadamente situado, por determinação do Alto, na solidão curativa de Santa Helena, onde esperou a morte, enquanto Allan Kardec, apagando a própria grandeza, na humildade de um mestre-escola, muita vez atormentado e desiludido, como simples homem do povo, deu integral cumprimento à divina missão que trazia à Terra, inaugurando a era espírita-cristã, que, gradativamente, será considerada em todos os quadrantes do orbe como a sublime renascença da luz para o mundo inteiro.

Irmão X

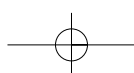
Fonte: XAVIER, Francisco C. *Cartas e Crônicas*. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002, cap. 28, p. 121-127.

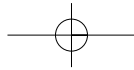
A missão de Kardec

“ **A** missão dos reformadores é preche de escolhos e perigos. Previno-te de que é rude a tua, porquanto se trata de abalar e transformar o mundo inteiro. Não suponhas que te baste publicar um livro, dois livros, dez livros, para em seguida ficares tranqüilamente em casa. Tens que expor a tua pessoa. Suscitarás contra ti ódios terríveis; inimigos encarniçados se conjurarão para tua perda; verte-ás a braços com a malevolência, com a calúnia, com a traição mesma dos que te parecerão os mais dedicados; as tuas melhores instruções serão desprezadas e falseadas; por mais de uma vez sucumbirás sob o peso da fadiga; numa palavra: terás de sustentar uma luta quase contínua, com sacrifício de teu repouso, da tua tranqüilidade, da tua saúde e até da tua vida, pois, sem isso, viverias muito mais tempo. Ora bem! não poucos recuam quando, em vez de uma estrada florida, só vêem sob os passos urzes, pedras agudas e serpentes. Para tais missões, não basta a inteligência. Faz-se mister, primeiramente, para agradar a Deus, humildade, modéstia e desinteresse, visto que ele abate os orgulhosos, os presunçosos e os ambiciosos. ” (...)

Espírito Verdade

Fonte: KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*. 34. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, p. 282-283.





ENTREVISTA: JASON DE CAMARGO

A honra de trabalhar pelo Espiritismo

Jason de Camargo considera que o Movimento Espírita está robusto e em franco progresso e que é honroso trabalhar responsabilmente pela solidificação cada vez maior do Espiritismo em nossa sociedade

P. – Como iniciou suas atividades no Movimento Espírita?

Jason – Nascido no seio de uma família espírita eu obtive facilidades na minha caminhada rumo ao Movimento Espírita de nosso Estado. Próximo dos trinta anos de idade já assumia a presidência da Sociedade Espírita Caminho da Luz, de Porto Alegre, iniciando, assim, os primeiros contatos com a unificação em nossa cidade. A generosidade do tempo foi me colocando em outras funções nos demais órgãos de unificação da Federação Espírita do Rio Grande do Sul (FERGS). Contudo, foi somente em 1986 que tivemos condições para participar mais ativamente da Diretoria Executiva da nossa Federativa Estadual, chegando à sua vice-presidência em 1988 e à presidência em 1992.

Transitamos, portanto, pela diretoria de Centro Espírita, pela União Distrital, pelo Conselho Deliberativo Estadual da Federação, por Departamentos e pela vice-presidência e presidência da FERGS por mais de uma vez. Foi, portanto, uma jornada de muitos anos no Movimento Espírita de nosso Estado. Hoje, já caminhando para o tempo que me resta da atual existência, posso afirmar aos leitores que valeu a pena.



Jason de Camargo

P. – E que fato o estimulou ao trabalho de unificação?

Jason – No meu caso, o trabalho de unificação não foi uma janela que se abriu precocemente. Não ocorrendo, assim, um fato determinante que me conduzisse para essa área de trabalho espírita. Podemos dizer que tudo aconteceu naturalmente e por etapas. Eu acho até que isso foi muito bom porque o amadurecimento foi acontecendo progressivamente, permitindo que a janela da consciência espírita fosse aberta com a velocidade desejada, isto é, sem atropelos.

Para aqueles que estão iniciando esse processo na área do Movimento Espírita, eu posso lhes colocar que é uma imensa honra adentrar por esse caminho e trabalhar responsabilmente pela solidificação cada vez maior do Espiritismo em

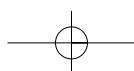
nossa sociedade. As trocas de experiências são enormes, aprende-se muito.

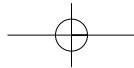
P. – Quais são as principais linhas de atuação da FERGS?

Jason – As principais linhas de atuação de cada área, e que absorvem a nossa atenção periodicamente, podem ser divididas da seguinte maneira: a) área administrativa: ampliação de nosso campo editorial; qualificação operacional de nossa estrutura administrativa; obtenção de recursos financeiros; b) área doutrinária: aprimoramento do ESDE nos Centros Espíritas; aprimoramento das demais atividades nos Centros Espíritas; c) área da unificação: estabelecimento cada vez melhor dos canais de comunicação com as instituições espíritas; realização dos diversos cursos de capacitação administrativa para dirigentes espíritas, emanados da FEB.

O nosso modelo de gestão facilita, sobremaneira, a obtenção mais rápida de resultados. Temos três reuniões por ano com as lideranças das Uniões e dos Conselhos Regionais, e a Diretoria Executiva desloca-se para todas as treze regiões e lá realiza uma reunião de trabalho com os dirigentes espíritas daquelas localidades.

P. – No momento qual é a prioridade da FERGS?





Jason – Naquele tempo o Codificador já se preocupava em manter a Unidade de Princípios e a Unidade de Ação. A FERGS está justamente tentando estabelecer, cada vez mais, a unidade do nosso Movimento Espírita Estadual. Para isso, já realizamos uma série de reuniões para analisar o trabalho desenvolvido desde o Centro Espírita até os Departamentos da Diretoria Executiva, passando pelos órgãos intermediários como as Uniões e Conselhos Regionais Espíritas.

No momento, estamos justamente com essa prioridade: catalogar todos esses elementos a fim de estabelecer um planejamento mais abrangente para todo o Movimento Espírita Estadual, discutindo desde o modelo de gestão dos Centros Espíritas, das Uniões e dos Conselhos Regionais e tentando atualizar a forma de atuação dos diversos departamentos de nossa Diretoria Executiva.

P. – Qual a motivação que o levou a iniciar a proposta de educação dos sentimentos?

Jason – A bem da verdade, a idéia original da proposta sobre a educação dos sentimentos surgiu por ocasião de uma prece que eu realizava na sede da FERGS em 1995. Pela consistência de como ela se apresentava, percebi o auxílio espiritual e aproveitei para sugerir à nossa Diretoria a realização de um trabalho voltado a essa temática.

Não obstante, é bom destacar que o próprio Allan Kardec levantou, por várias vezes, a necessidade de aperfeiçoarmos os sentimentos. Ponderou, ainda, que o crescimento da educação racional foi obtido graças ao investimento realizado nessa área e que obteríamos resultados se-

melhantes se fizéssemos o mesmo com a educação moral. Dessa forma, só iremos atingir uma melhor completude espiritual quando educarmos convenientemente os sentimentos que jazem, em estado potencial, nas profundezas do espírito.

Significa dizer que a Doutrina Espírita veio para auxiliar no desenvolvimento integral e harmônico do ser humano, obtido pela conjugação razão-sentimentos.

P. – O livro de sua autoria tem penetrado em áreas leigas?

Jason – Após a realização de muitos seminários, conferências e cursos a respeito desse assunto é que surgiu o livro *Educação dos Sentimentos*, em 2001. Graças à parceria entre a Editora Francisco Spinelli da FERGS e a editora não espírita AGE possibilitou-se a chegada desse livro a centenas de livrarias de nosso país. Conseguimos, dessa maneira, atingir o meio espírita por intermédio de nossa Editora, e o meio leigo através da AGE.

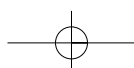
Vale ainda dizer que o livro *Educação dos Sentimentos* já se encontra em sua 6ª edição e que já transita pela Argentina com uma versão em espanhol, obtida com o selo da *Cuatro Vientos Editorias* de Buenos Aires.

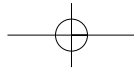
P. – Como analisa o desenvolvimento do Movimento Espírita no País?

Jason – O Movimento Espírita no País está se organizando. Unidade de projetos, de idéias, de questões doutrinárias e operacionais vai sendo solidificada a olhos vistos. É evidente que a alternância de lideranças e a complexidade da estrutura administrativa do Movimento Espírita dificultam um pouco o trabalho de unificação no território

nacional. Nas demais organizações religiosas existe um poder centralizador maior e um menor número de estruturas intermediárias, o que encurta o caminho entre o centro de decisões e as pontas (igrejas). Em nossa estrutura o sistema é do tipo descentralizado e o processo administrativo é mais longo. Logo, o nosso trabalho é de resultados mais lentos, mesmo porque o conhecimento do conteúdo espírita é mais amplo e de grande profundidade, e isso demanda maior tempo de absorção.

Não obstante, com o aumento atual da velocidade na comunicação de todas as partes do sistema, observa-se um andamento melhor do Movimento Espírita como um todo. Acho que a mudança da sede da FEB para Brasília facilitou o modelo atual de gestão do Conselho Federativo Nacional e um novo ciclo abriu-se para o movimento de unificação. A participação maior das Federativas nas decisões nacionais possibilitou um entrelaçamento mais consistente no campo das idéias e o Movimento se fortaleceu como um todo. Atualmente podemos dizer que o nosso Movimento está robusto e em franco progresso. É lógico que muito ainda temos que andar, mas a maturidade dos espíritas irá encontrando os melhores caminhos. Aproximando-me do tempo que resta da minha existência eu posso dizer a todos que foi uma imensa honra participar do Movimento Espírita brasileiro. Aprendi muito nas trocas de experiências que ele me possibilitou e se eu pudesse dizer alguma coisa para os que estão chegando, diria que dignifiquem a Doutrina Espírita com as suas atitudes. ■





Os Espíritos e os fluidos

Severino Barbosa

A Doutrina Espírita veio demolir as barreiras que separam os homens dos Espíritos, para que eles possam entender-se melhor.

É através desse entendimento, pelo intercâmbio mediúnico, que os habitantes do outro mundo transmitem as suas orientações, apontando os rumos que devemos tomar. Esta realidade nos traz bastante conforto e segurança, pois, assim, nos sentimos bem firmes em nossa trajetória evolutiva, certos de que seres invisíveis, obedecendo às determinações de um Poder Maior, cuidam zelosamente de nós a cada passo da vida terrena.

Contudo, não obstante estarem bem cientes e crentes dessas verdades, muitas pessoas há que por falta de um estudo mais profundo sobre o mundo que as aguarda depois da morte julgam que a vida espiritual é um eterno vazio, conseqüentemente sem luz, sem cores, sem atividades e sem destino. Até mesmo um vácuo absoluto.

É ledão engano!

A Filosofia Espírita ensina – e nós não temos a menor dúvida –, que a vida eterna, como costumeiramente se diz, é um mundo tão real quanto o material em que vivemos, com formas, luz própria, cores, atividades mais diversificadas, agrupamentos, pequenas e grandes comunidades, colônias diversas, e tudo isso com os seus núcleos administrativos, em tudo por tudo semelhantes às organizações terrestres.

Os habitantes do mundo invisível, que são os homens despidos das vestes físicas, continuam com as suas aparências. Eles vivem em uma dimensão que não é de matéria bruta, densa, mas fluídica, em estado mais rarefeito ou grosseiro, que compõe a atmosfera onde habitam, de acordo com o grau de evolução de cada um.

Na *Revista Espírita* de 1868, página 166 (EDICEL), Allan Kardec elucida o tema: “Os fluidos espirituais, que constituem um dos estados do fluido cósmico universal, são, a bem dizer, a atmosfera dos seres espirituais.”

O Espírito André Luiz, através da mediunidade de Chico Xavier, ao descrever, em suas magníficas obras, as organizações da vida *pos mortem*, confirma o que Kardec diz acima.

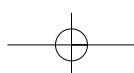
Dessa forma, as elucidações do Codificador do Espiritismo, relativas ao tema em foco, são amplas e profundas.

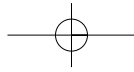
Ele afirma que os fluidos que formam o ambiente espiritual são, para os Espíritos, o que os materiais representam para os homens, aqui na crosta da Terra, para o levantamento das suas construções. Acrescenta que, com o poder da vontade e a força do pensamento, eles constroem no mundo espiritual as mesmas coisas que os homens edificam no plano material e que, utilizando-se dos mesmos recursos, desfazem as coisas com a facilidade com que as constroem.

De acordo com os esclarecimentos de Allan Kardec – e que os céticos estão muito distantes de compreender –, o poder, o domínio, o controle que os Espíritos têm sobre os fluidos, a facilidade com que combinam os elementos fluídicos são tão fantásticos que basta mentalizarem uma paisagem, um quadro artístico, um projeto ou quaisquer outras coisas, para que tomem as aparências desejadas. Pelo pensamento, como diz o Codificador, os Espíritos aglomeram fluidos e dão-lhes tal ou qual direção, bem como provocam combinações e dispersões, e criam fluidicamente os objetos dos seus hábitos terrestres.

A temática está bem dissecada em *O Livro dos Médiuns*, cap. VIII – “Do Laboratório do Mundo Invisível”, em *A Gênese*, cap. XIV, bem como na citada *Revista Espírita* (p. 167): “Os fluidos são [no dizer de Kardec], o grande atelier ou o laboratório da vida espiritual.”

A questão em estudo, por ser uma realidade própria do mundo espiritual, infelizmente continua rejeitada pela preconceituosa Ciência dos homens. Mas, no futuro e por força da lei do progresso, com certeza os sábios se interessarão e se aprofundarão nos estudos das leis que regem os fluidos, os quais também representam aperfeiçoados estados da matéria cósmica universal, conforme ensinamento de Allan Kardec no citado livro *A Gênese*. ■





Práticas exteriores

Suely Caldas Schubert

É muito difícil a uma pessoa que foi acostumada a uma religião com rituais despojar-se de todas essas práticas ao ingressar nas hostes espíritas. Também muitos, que desde o berço foram encaminhados para a Doutrina Espírita, mas que trazem de outras vidas um passado religioso ligado a ritos, dogmas e manifestações devocionais exteriores, têm dificuldade de vivenciar a simplicidade e o despojamento que os ensinamentos espíritas apresentam, pelo atavismo muito presente.

A maioria das pessoas ainda sente a necessidade de cultuar imagens, símbolos, mitos, atitudes, enfim, com as quais julgavam evidenciar e fortalecer a fé. Soma-se a isso o condicionamento imposto pela sociedade, já que a maioria faz assim, age desse modo, diz que esse é o melhor processo, numa tradição arraigada que se transmite de geração a geração.

Vindo para o Espiritismo, tais pessoas carregam consigo todos esses hábitos, que se transformaram, à custa de constante repetição, numa segunda natureza. Agem automaticamente e torna-se-lhes difícil a incorporação de novos hábitos totalmente opostos. É preciso tempo, esclarecimento e força de vontade.

Muitas destas práticas devocionais ostensivas são mais facilmente suprimidas. Outras, entretanto, mais subjetivas, permanecem firmes, enquistadas na alma do crente, vindo a aflorar nos exatos momentos em que surge o estímulo através de situações propícias.

Assim, não é raro encontrarmos aqueles que, nas Casas Espíritas, ainda estão apegados às imagens; outros consideram imprescindível aos médiuns o uso das roupas brancas; os que recomendam também os banhos de sal grosso ou de pétalas de rosas brancas como preparação para os trabalhos mediúnicos etc.

Ultimamente, outras novidades surgiram: os cristais, a cromoterapia, as pirâmides, os incensos etc.

Muitos não se libertaram do culto aos mortos, que se manifesta através da visitação periódica ao cemitério, onde pensam encontrar junto ao túmulo aqueles que partiram, com ênfase especial para o “dia de finados”.

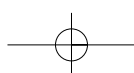
Em relação à morte, o desapego dessas práticas é bastante custoso. Uma semana após o funeral de um ente querido, os parentes crêem ser imprescindível uma prece em plena reunião pública do Centro Espírita, isto quando não solicitam um culto especial em homenagem ao falecido. Muitos companheiros ficam até ressentidos com a instituição espírita que não adota tais práticas, julgando ser indiferen-

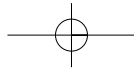
ça, ingratidão ou pouco apreço ante a dor que estão sentindo.

O mesmo ocorre nas datas festivas. Quando nasce uma criança não conseguem entender por que não se faz uma prece no Centro em benefício do Espírito que acaba de reencarnar. Se há um casamento alvitram a possibilidade de uma reunião na Casa Espírita para que se firme o enlace espiritual. Julgam que os Mentores da Casa devem vir abençoar a criança que nasce, o casal que se une, o Espírito que se foi. Concessões vão sendo feitas para melhor atender a essas necessidades e agradar ao público.

Respeitamos profundamente os sentimentos que ainda estão enraizados na alma do povo. Mas, em Doutrina Espírita não se pode contemporizar ou haver omissão com vistas às práticas exteriores. Através dos seus ensinamentos entendemos que todas essas demonstrações religiosas são absolutamente desnecessárias.

Manoel Philomeno de Miranda, em seu livro *Nos Bastidores da Obsessão*, psicografia de Divaldo Franco, trata exatamente desse assunto, no capítulo 16 (Ed. FEB), registrando as explicações de José Petitinga, o insigne espírita baiano, quando interrogado por um jovem espírita nas vésperas de seu casamento, sobre se no Espiritismo não deveria haver uma cerimônia qualquer para comemorar os grandes acontecimentos da vida. É oportu-





na a sua resposta, da qual transcrevemos alguns trechos:

“ – O Espiritismo é a Doutrina de Jesus, em espírito e verdade, sem fórmulas nem ritos, sem aparências nem representantes, sem ministros. É a religião do amor e da verdade, na qual cada um é responsável pelos próprios atos, respondendo por eles, conforme o conhecimento que tenha da Imortalidade, dos deveres. ‘É a Religião da Filosofia, a Filosofia da Ciência e a Ciência da Religião’, conforme predicou Vianna de Carvalho em nossa Casa, com justas razões. Não se firma em enunciados estranhos à Boa Nova e tudo quanto os Espíritos informaram ao Missionário Allan Kardec se encontra fundamentado nos Evangelhos.

.....
 – E não poderíamos [perguntou o noivo, interessado em ouvir a opinião de Petitinga sobre o assunto] formular uma oração de ação de graças em momentos que tais?

– Sim, orar, podemos fazê-lo, porém, na intimidade dos corações, no silêncio do quarto. Uma oração pública requer sempre alguém mais bem adestrado, de verbo fácil e inspirado. Assim, iremos transferindo para outrem o que nos cabe fazer. E como orar é banhar-se de luz e penetrar-se de paz, pela decorrente comunhão com o Alto, devemos fazê-lo, nós mesmos, cada um, em particular. Que os compromissados o façam, está muito bem; que os nubentes o realizem, na intimidade da alcova, é de necessidade; que os aniversariantes o produzam, no altar da alma, é muito justo. Mas evitemos hoje que a nossa emoção e a nossa festividade sejam transformadas amanhã num culto exterior, que

tenhamos começado... Cada um de nós, aqui presente, deve estar em oração silenciosa de bons pensamentos, em atitude de prece pela sobriedade dos atos, mediante o respeito moral e fraternal que nos devemos todos uns aos outros... O Espiritismo é a religião que religa, permitam-nos a redundância, a criatura ao Criador, interiormente... Que tenhamos mais atitudes do que palavras !...”

O Espiritismo leva o ser humano a uma profunda vivência interior, o que para grande número de pessoas é difícil alcançar. Precisam ainda de sinais exteriores, de práticas evidentes, de demonstrações ostensivas. Entretanto, quando começamos a apreender a Doutrina e a introjetá-la em nosso íntimo, vamos aos poucos nos despojando de todas as exterioridades. Quando a nossa fé se solidifica, por racional e lógica, temos a certeza do amparo Divino, da presença dos Amigos Espirituais, da realidade da vida futura, dos ensejos redentores que a reencarnação propicia, certe-

zas estas que nos plenificam de esperanças ante o porvir que se inicia no minuto que vem.

Lembremo-nos sempre que não há necessidade de quaisquer cerimônias para que os Benfeitores Espirituais nos amparem, ajudem, socorram e amem. É preciso apenas o nosso pensamento em prece e o nosso coração sintonizado com o Bem.

E diante dos grandes acontecimentos de nossa existência, aprendamos que é no recesso do lar, na intimidade do nosso coração e junto aos entes que amamos, no altar nobre dos nossos sentimentos mais elevados, que devemos cultuar a Deus.

Se dúvidas ainda existirem, recordemos Allan Kardec, o missionário da Terceira Revelação, que não necessitou de símbolos, cerimônias e rituais para receber de Jesus, através dos Espíritos Superiores, o Consolador que Ele prometera à Humanidade. Na austeridade e sobriedade de seu gabinete de trabalho ele se fez apóstolo da Verdade, tendo como únicos paramentos a pena e o papel. ■

Reformador

CORRESPONDÊNCIA ELETRÔNICA

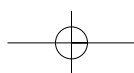
1 – ARTIGOS E NOTÍCIAS:

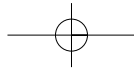
E-MAIL: redacao.reformador@febrasil.org.br

2 – ASSINATURAS E DEMAIS ASSUNTOS:

E-MAIL: assinaturas.reformador@febrasil.org.br

**ESTES ENDEREÇOS PASSAM A VIGORAR
 A PARTIR DE 1º DE JANEIRO DE 2005**





Fases da vida

Washington Borges de Souza

A existência da alma ou Espírito, um dos elementos da trindade universal, apresenta-se de dois modos: encarnado no corpo físico ou emancipado nos espaços do Infinito.

Submete-se, em ambas as hipóteses, a etapas relacionadas com o grau de sua evolução. Como ser livre, habita o lugar correspondente ao seu progresso. Quando no corpo físico, a vida do Espírito se subordina às fases que caracterizam a infância, a adolescência, a vida adulta e a idade avançada.

As etapas da nossa vida terrena têm feições nítidas. Cada pessoa tem suas características inconfundíveis da idade, variando pouco a aparência física, embora sem limites certos entre os vários períodos.

O que parece merecer observação e citação é a atividade apropriada a cada idade, cada qual com seus caracteres mais ou menos marcantes e claros.

Renascemos com finalidades previstas pela Divina Providência, para cumprimento das disposições das Leis Divinas e podemos alcançar nosso destino, em consonância com os desígnios de Deus, o Pai Eterno, Criador de tudo que existe.

A infância é o período em que retomamos o contato com o mundo material, reencontramos afeições e desafetos, muitas vezes dentro do mesmo lar. Despertamos na intimidade da família trazendo débitos e conquistas de vidas anteriores para

retomar o curso da longa via de resgates e vitórias.

Quase não percebemos a passagem para a adolescência. Acalentados, às vezes, com carinho, ingressamos na nova fase para descobrir os segredos do mundo, inteiramente esquecidos das estradas já percorridas, e supomos desvendar mistérios já outrora desfeitos por nós mesmos. O esquecimento do passado é o meio pelo qual a Sabedoria, a Justiça e o Amor Divinos nos dão ensejo de encontrar o caminho certo, de retificar enganos por nosso próprio esforço, independentemente do conhecimento das ações antes praticadas, a fim de que possamos recolher o mérito correspondente ou responder pelos erros cometidos.

Da adolescência vislumbramos o início da fase de adulto, nesse ponto já com a reencarnação totalmente consolidada e a alma plenamente apta para as ações que dignificam e enobrecem a vida. É precisamente nesse período que devemos ter completa consciência dos verdadeiros valores que enriquecem a alma imortal. Mas ocorre com frequência que é justamente nessa ocasião que a influência da matéria costuma exercer nefasto domínio sobre o comportamento das pessoas. Iludidas pelos prazeres que os bens materiais proporcionam, esquecem-se de Deus, dos valores morais impercíveis. Muitas falências do Espírito encarnado são decretadas exatamente quando o corpo físico, onde transitoriamente habita, está mais

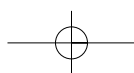
habilitado para a prática do bem, do amor a Deus e ao próximo.

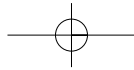
A transição da idade adulta para a avançada traz desassossegos para algumas pessoas. É comum encontrá-las inquietas, amedrontadas, tristes, desiludidas etc., com a aproximação do que se considera o último período da existência. Tudo isso é consequência da incerteza da vida futura.

A Doutrina dos Espíritos nos traz a certeza da existência de Deus e da alma. Ensina a eternidade da vida do Espírito e mostra exuberantemente a sua continuação depois do túmulo. As luzes e as consolações que essa Doutrina oferece socorrem a todos em todos os momentos, antes e depois do berço e da sepultura. Quanto mais nos aproximarmos dela mais benefícios podemos recolher.

Sabemos que a morte do corpo físico pode ocorrer em qualquer ocasião, desde antes do seu nascimento até a idade provecta. O instante em que se dará o desenlace somente Deus o sabe.

A Doutrina Espírita ilumina a vida eterna do Espírito e esclarece sobre a morte do corpo somático. Faculta-nos os meios e modos de nos pouparmos aos receios excessivos da morte pelo estudo e compreensão desse fenômeno inexorável, pelo conhecimento de seus postulados. Resguarda-nos de muitas angústias, tristezas e desânimos através do esclarecimento e da consolação que esparge exuberantemente. Além de nos privar de muitos sofrimentos, o Consolador assenta na alma e no coração das criaturas a certeza e a esperança, indicando a senda da evolução para o futuro ditoso. ■





ESFLORANDO O EVANGELHO

Emmanuel

Recapitulações

“Porque amavam mais a glória dos homens do que a glória de Deus.”

– (João, 12:43.)

Os séculos parecem reviver com seus resplendores e decadências.

Fornece o mundo a impressão dum campo onde as cenas se repetem constantemente.

Tudo instável.

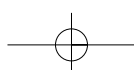
A força e o direito caminham com alternativas de domínio. Multidões esclarecidas regressam a novas alucinações. O espírito humano, a seu turno, considerado insuladamente, demonstra recapitular as más experiências, após alcançar o bom conhecimento.

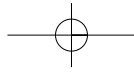
Como esclarecer a anomalia? A situação é estranhável porque, no fundo, todo homem tem sede de paz e fome de estabilidade. Importa reconhecer, porém, que, no curso dos milênios, as criaturas humanas, em múltiplas existências, têm amado mais a glória terrena que a glória de Deus.

Inúmeros homens se presumem redimidos com a meditação criteriosa do crepúsculo, mas... e o dia que já se foi? Na justiça misericordiosa de suas decisões, Jesus concede ao trabalhador hesitante uma oportunidade nova. O dia volta. Refunde-se a existência. Todavia, que aproveita ao operário valer-se tão-somente dos bens eternos, no crepúsculo cheio de sombras?

Alguém lhe perguntará: que fizeste da manhã clara, do Sol ardente, dos instrumentos que te dei? Apenas a essa altura reconhece a necessidade de gloriar-se no Todo-Poderoso. E homens e povos continuarão desfazendo a obra falsa para recomeçar o esforço outra vez.

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, Verdade e Vida*. 23. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003, cap. 33, p. 81-82.





Fé raciocinada

José Passini

“A fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade.”¹

Em torno da fé existem inúmeras afirmativas negando-lhe o caráter racional. Segundo alguns teólogos, raciocina-se sobre a crença, mas não sobre a fé. A fé, segundo eles, é uma virtude, um dom que transcende a própria razão.

Por colocarem-na como virtude ou dom transcendental, pertencente exclusivamente à área do sentimento, é que muitas pessoas confundem emoção com fé. Por isso, é comum pessoas dizerem ter sentido uma fé imensa, capaz de levá-las a grandes realizações, no momento em que ouviam o relato de passagens do Evangelho, ou de ações levadas a efeito por benfeitores da Humanidade, ou até mesmo em decorrência da simples leitura de uma página edificante. A emoção, a vibração espiritual que os atos nobres suscitam nas almas já portadoras de alguma sensibilidade não pode ser confundida com fé. O estado emocional é transitório, enquanto a fé é permanente. A emoção, se analisada e orientada pela inteligência, pode ser auxiliar valiosa para levar a criatura a modificar-se para melhor. Entretanto, se não for esclarecida pela razão pode conduzir ao fanatismo, à chamada fé cega, que é a negação da própria fé.

O mundo está cheio de exemplos tristes dos frutos do fanatismo religioso. Em nome da fé, quantas perseguições, quantas mortes e até guerras? Ainda nos dias atuais, principalmente na semana santa, existem pessoas que vertem seu próprio sangue, ferindo seus corpos, ou se entregam a privações terríveis no intuito de mostrar sua fé em Deus. Se raciocinassem, veriam que Deus, como Pai amoroso, bom e misericordioso, nunca poderia ser homenageado com o derramamento do sangue dos Seus filhos. Essa concepção de um deus sanguinário, combateu-a o profeta Elias, oito séculos antes de Jesus, quando enfrentou os sacerdotes adoradores do deus Baal. (I Reis, 18: 22-46.)

Aprende-se no Espiritismo que, na sua caminhada evolutiva, o Espírito vai conhecendo as leis de Deus, vai percebendo-lhes a perfeição e, quanto mais as conhece, mais se identifica com elas, mais confia na justiça e no amor do Criador, mais se conscientiza da Sua perfeição, mais tem fé. Essa a fé que nasce do entendimento. Inabalável, indestrutível.

Emmanuel ensina: “Ter fé é guardar no coração a luminosa certeza em Deus, certeza que ultrapassou o âmbito da crença religiosa, fazendo o coração repousar numa energia constante de realização divina da personalidade.

Conseguir a fé é alcançar a possibilidade de não mais dizer: ‘eu

creio’, mas afirmar: ‘eu sei’, com todos os valores da razão, tocados pela luz do sentimento (...).”²

A fé que o Espiritismo preconiza não é uma fé contemplativa, capaz de levar uma pessoa à imobilidade, em situações de êxtase, em que fica aguardando providências de Deus em seu favor. Ao contrário, é uma fé dinâmica, edificada vagarosa e conscientemente pelo Espírito, à medida que evolui, conforme ensina Emmanuel:

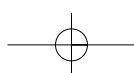
“A árvore da fé viva não cresce no coração, miraculosamente.

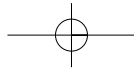
.....
A conquista da crença edificante não é serviço de menor esforço.

A maioria das pessoas admite que a fé constitua milagrosa auréola doada a alguns espíritos privilegiados pelo favor divino.”³

A fé espírita não é aquela que se fixa em objetos materiais como cruzeiros, escapulários, bentinhos, talismãs, amuletos, medalhas etc. O espírita tem fé em Deus, em Jesus, nos bons Espíritos, entidades dotadas de sentimento e de inteligência, seres capazes de movimentar recursos em seu favor. Essa fé é muito diferente da crença infantil num pretenso poder mágico de objetos materiais, que não poderiam jamais movimentar, com inteligência e sentimento, recursos em benefício de alguém.

Entretanto, é lícito se indague sobre a origem da fé raciocinada. Teria ela nascido com o Espiritis-





mo? Não, a fé raciocinada nos vem de Jesus, dos ensinamentos do seu Evangelho. O Mestre mudou completamente o próprio conceito de religião, introduzindo no campo até então puramente emocional da fé o componente razão, entendimento. Ninguém, até Jesus, fez tantos apelos ao raciocínio no âmbito religioso. Kardec, conhecedor profundo da atuação de Jesus, conhecia-o, não como um místico, mas como um educador de almas que, ao tempo em que tocava o sentimento daqueles que o ouviam, sabia também levá-los ao entendimento das lições. Por isso, tem a Doutrina Espírita essa característica de racionalidade. E não podia ser de outra forma, uma vez que ao Espiritismo coube o papel de reviver o Cristianismo na sua pureza, simplicidade e pujança originais.

Jesus nunca explorou a emoção de ninguém. Sua fala, mansa e humilde, precisa e firme, era dirigida ao sentimento e à inteligência. Suas lições foram sempre pautadas no diálogo, através do qual propunha o exame racional daquilo que ensinava.

Censurado por haver curado uma mulher parálitica num sábado, bem poderia deixar que a própria cura falasse por ele, mas não perdeu a oportunidade de, através de uma pergunta, fazer pensar aqueles que o ouviam: “(...) no sábado não desprende da manjedoura cada um de vós o seu boi, ou o jumento, e não o leva a beber? E não convinha soltar desta prisão, no dia de sábado, esta filha de Abraão, a qual há dezoito anos Satanás a tinha presa?” (Lucas, 13:15-16.)

De outra feita, ele próprio perguntou aos doutores da lei, antes de

curar um homem: “É lícito curar no sábado?” (Lucas, 14:3.) Como não respondessem, Jesus curou o hidrópico e o despediu. Depois, ele volta a inquiri-los, a fim de conscientizá-los de que acima da letra morta há uma interpretação racional, inteligente: “Qual será de vós o que, caindo-lhe num poço, em dia de sábado, o jumento ou o boi, o não tire logo?” (Lucas, 14:5.)

“E, orando, não useis de vãs repetições (...).” (Mateus, 6:7.) Quer o Mestre dizer que devemos orar com plena consciência daquilo que falamos, que a nossa oração não seja uma repetição emocional de uma fórmula decorada, como se fosse algo recitado ou declamado. Ao contrário, que seja uma mensagem conscientemente elaborada, com um conteúdo de comunicação dirigida ao Alto.

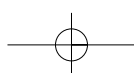
Jesus, ao conversar com a samaritana, à beira do poço de Jacó, demonstra que não necessitava de inquirir alguém para informar-se de algo. Ali deixa claro para ela que lhe conhecia o passado. (João, 4:17.) Entretanto, freqüentemente fazia perguntas para suscitar dúvida no seu interlocutor, a fim de fazê-lo pensar, raciocinar e não receber passivamente um ensinamento: “Qual é mais fácil? dizer: Os teus pecados te são perdoados; ou dizer: Levanta-te, e anda?” (Lucas, 5:23.)

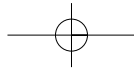
Ao invés de fazer um discurso eloqüente e emocionado sobre a Providência Divina, o Mestre busca, através de perguntas, levar seus ouvintes a pensarem, a raciocinarem sobre Deus. Depois de lhes ter falado sobre os lírios do campo, dizendo que Deus os veste, e compara sua vestimenta ao luxo do rei Salomão: “Pois, se Deus assim ves-

te a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, não vos vestirá muito mais a vós, homens de pouca fé?” (Mateus, 6:30.)

“E qual dentre vós é o homem que, pedindo-lhe pão o seu filho, lhe dará uma pedra? E, pedindo-lhe peixe, lhe dará uma serpente? Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará bens aos que lho pedirem?” (Mateus, 7:9-11.) Também por essa passagem pode-se ver que Jesus não buscava levar ninguém a uma adoração emotiva, a uma fé cega. Ele poderia ter dito, por exemplo, que se deve ter fé em Deus, Criador de tudo o que existe, que é bom, amoroso, misericordioso, providente etc. Mas não, só isso não bastava. Se ficasse só nessas afirmações, teria suscitado uma fé passiva. Ele queria fazer as criaturas entenderem, através de uma comparação, que o Todo-Poderoso deveria ser, necessariamente, melhor que um pai terreno e, portanto, capaz de dar maiores bens aos Seus filhos.

O trecho do Novo Testamento que mais evidencia o ambiente pedagógico, de diálogo, de liberdade de análise, na busca de esclarecimentos, que Jesus propiciava a todos que lhe ouviam as lições é, certamente, o assim chamado “A Transfiguração”. Registra Mateus, no capítulo 17, que Jesus subiu a um alto monte, acompanhado de Pedro, Tiago e João. O Mestre orou e se transfigurou, cobrindo-se de luz, ao tempo em que apareceram – seguramente materializados, pois que os três discípulos os viram – Moisés e Elias, que conversaram com Ele. Passado o momento sublime, ao regressarem, o Mestre orde-





na aos discípulos que não contem nada do que acontecera até que Ele ressuscitasse. É de se imaginar-se o contentamento e a emoção que devem ter sentido aqueles discípulos ao contemplarem Jesus coberto de luz, Moisés, o pai dos profetas, e o grande profeta Elias. Entretanto, eles não se detiveram em atitude de contemplação mística, de deslumbramento. Pelo contrário, o raciocínio funcionou imediatamente, na busca de resposta para algo que lhes pareceu estranho: “E os seus discípulos o interrogaram, dizendo: Por que dizem então os escribas que é mister que Elias venha primeiro?” (Mateus, 17:10.) Por que a pergunta? Ora, havia sido predito pelos profetas – e os escribas sempre o repetiam – que o Mestre seria precedido por Elias, que voltaria para preparar-Lhe o caminho. Os discípulos, vendo Elias desencarnado, deduziram que algo estava errado: ou as profecias não espelhavam a verdade, ou aquele que se apresentara e conversara com Jesus não era Elias, ou Jesus não era o Messias! Jesus, com a tranqüilidade daqueles que detêm a verdade, respondendo, disse-lhes: “Mas digo-vos que Elias já veio, e não o conheceram, mas fizeram-lhe tudo o que quiseram. Assim farão eles também padecer o Filho do homem.” (Mateus, 17:12.) E, em seguida, conclui o Evangelista: “Então entenderam os discípulos que lhes falara de João Batista.” (Mateus, 17:13.) Tudo estava certo. A profecia já se havia cumprido.

Diante do que se acabou de ver, conclui-se que Jesus foi um pedagogo e não um místico. Sabia atrair seus ouvintes com as doces consolações da fé, mas não alimentava atitudes de deslumbramento

contemplativo, em face dos apelos ao raciocínio com que mesclava suas sublimes lições. Encaminhava-os ao entendimento lógico, racional dos fatos! Jesus, como Mestre admirável que foi, soube criar um clima de diálogo aberto. Foi essa liberdade que levou os discípulos a buscarem imediatamente esclarecimento sobre a aparição de Elias, embora a pergunta formulada por eles contivesse embutido um grave questionamento, qual seja o da própria condição de Messias do seu Mestre. Jesus não se sente agastado e, com a segurança daqueles que estão com a Verdade, os esclarece. Assim, vê-se claramente que Jesus não impunha suas idéias, não violentava consciências, nem exigia fé cega,

sem exame. Não. Sua mensagem sempre foi dirigida ao intelecto e ao sentimento, bases legítimas da fé raciocinada, que o Espiritismo veio reviver. ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

¹KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XIX, item 7.

²XAVIER, Francisco Cândido. *O Consolador*, pelo Espírito Emmanuel. 23. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2001, perg. 354, p. 200.

³_____. *Vinha de Luz*, pelo Espírito Emmanuel. 21. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, cap. 40, p. 91-92.

⁴*A Bíblia Sagrada*. Tradução em português por João Ferreira de Almeida.

Página de fé

Alma cansada e triste, alma sincera,
Se a dor por noite em lágrimas te alcança,
Acende em prece o lume da esperança,
Onde o grilhão da mágoa te encarcerara!

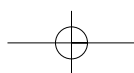
Ante a sombra que assalta, esfera a esfera,
Se surge a ofensa por sinistra lança,
Na tormenta do mal que investe e avança,
Perdoa, silencia, ajuda, espera!...

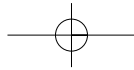
Esquecida na cela da amargura,
Não te revoltes contra a senda escura.
Ergue-te e serve, embora torturada...

Luta, chora, padece, mas confia,
Das trevas nasce a bênção de outro dia
Nas promessas de nova madrugada!...

Auta de Souza

Fonte: XAVIER, Francisco C. *Auta de Souza*. 9. ed. Araras (SP): IDE, 2001, p. 62.





Diversidade Religiosa e Direitos Humanos

No dia 9 de dezembro de 2004, foi lançada, em Brasília, pela Secretaria Especial dos Direitos Humanos, do Ministério da Justiça, a cartilha *Diversidade Religiosa e Direitos Humanos*, em solenidade de que participou a Federação Espírita Brasileira, representada pelo Vice-Presidente José Carlos da Silva Silveira. Transcrevemos a sua apresentação, assinada pelo Ministro Nilmário Miranda, cujo texto demonstra a importância dessa iniciativa do Governo Federal:

O Estado Brasileiro é laico. Isso significa que ele não deve ter, e não tem religião. Diz o artigo 5º, inciso VI, da Constituição: “É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e as suas liturgias.” A liberdade religiosa é um dos direitos fundamentais da humanidade, como afirma a Declaração Universal dos Direitos Humanos, da qual somos signatários.

A pluralidade, construída por várias raças, culturas, religiões, permite que todos sejam iguais, cada um com suas diferenças. É o que faz do Brasil, Brasil. Certamente, deveríamos, pela diversidade de nossa origem, pela convivência entre os diferentes, servir de exemplo para o mundo. No Brasil de hoje, a intolerância religiosa não produz guerras, nem matanças.

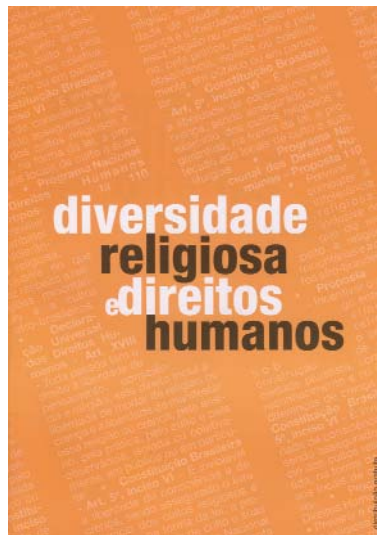
Entretanto, muitas vezes, o preconceito existe e se manifesta pela humilhação imposta àquele que é “diferente”. Outras vezes o preconceito se manifesta pela violência. No momento em que alguém é humilhado, discriminado, agredido devido à cor ou à sua crença, ele tem seus direitos constitucionais, seus direitos humanos violados; este alguém é vítima de um crime – e o Código Penal Brasileiro prevê punição para os criminosos.

Invadir terreiro de umbanda e candomblé, que,

além de locais sagrados de culto, são também guardiões da memória de povos arrancados da África e escravizados no Brasil, desrespeitar a espiritualidade dos povos indígenas, ou tentar impor a eles a visão de que sua religião é falsa; agredir os ciganos devido à sua etnia ou crença, mesmo motivo que os levou ao quase extermínio na Europa, durante a Segunda Guerra Mundial: tudo isto é intolerância, é discriminação contra religiões. É o contrário do que pretende o Programa Nacional dos Direitos Humanos.

A presente cartilha, Diversidade Religiosa e Direitos Humanos, é o resultado de quase um ano e meio de um trabalho que contou com a participação de várias religiões, e que não se esgota aqui (outras colaborações podem ser conferidas no site www.presidencia.gov.br/sedh). Esta cartilha é a continuidade das muitas ações de homens e mulheres de boa vontade e diferentes crenças, que, com suas palavras e seus atos, pretendem construir um país, um mundo melhor. Um país e um mundo em que ninguém sofra ou pratique injustiça contra seu semelhante. Um mundo e um país de todos.

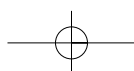
*Ministro Nilmário Miranda
(Secretaria Especial dos Direitos Humanos)*

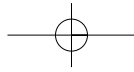


Capa da cartilha

A FEB participou das pesquisas para a elaboração dessa cartilha, tendo sido representada pelo Vice-Presidente José Carlos da Silva Silveira e Diretoras Marta Antunes de Oliveira Moura e Edna Maria Fabro. A fundamentação doutrinária apresentada, extraída das obras básicas da Doutrina Espírita, será incluída no site acima referido, como também a das diversas denominações religiosas.

Assinalamos a inclusão, no documento em referência, do seguinte ensino, extraído da questão 838 de *O Livro dos Espíritos: Toda crença é respeitável, quando sincera e conducente à prática do bem.* ■





Aos meus bons companheiros

Avante, amigos e irmãos queridos, pois o tempo urge. Cada dia que vivais em prodo labor alcançado do Espiritismo, acumulais bênçãos sobre bênçãos capazes de vos propiciar as aleluias de tempos novos para o mundo, tanto quanto de ventura e paz aos próprios corações.

Nos labores que realizais no mundo, bons companheiros, fincais no solo dos corações humanos os pilares do Reino dos Céus. Socorrei os que são vossos dependentes morais e acendereis as luzes da compreensão e da maturidade, que permitirão clarificar a Terra inteira, pouco a pouco, dando conta dos deveres que vos trouxeram ao chão planetário.

Avançai, amigos, destemerosos e imponentes, sem ceder às pressões de quaisquer sombras que, coalhadas sobre o campo psíquico do Planeta pela permissão dos caracteres invigilantes e malévolos, tanto de encarnados quanto de desencarnados, insistem em perturbar, inspirando temores às mentes dos trabalhadores ainda frágeis.

Recordai, então, de Jesus, o Cristo, quando nos advertiu para que não temêssemos aqueles que nada podem fazer contra a alma, imortal, ainda que logrem matar o corpo biológico. Não vos permiti-

tais, ó companheiros, a ancilose dos vossos braços e pernas, a indiferença dos vossos corações, nem a cegueira dos vossos olhos, perante as imensas carências humanas dos seres que o Cristo situou em vossos caminhos, a fim de que aprendais a servir, desinteressadamente, forjando os caracteres nos néctares da fraternidade e da lucidez, que estruturam o corpo da caridade.

O tempo presente, companheiros, representa excelente ensancha que a Divindade vos concede para que possais desenvolver os valores mais exuberantes da alma, imprimindo valor aos dias, dando sentido às horas, galvanizados pelo ideal da Doutrina Libertadora, que Allan Kardec teve a glória de materializar na Terra.

Não vos permitais o cansaço íntimo, diante dos que sejam de difícil entendimento ou dos que se arrogam todo o saber, todo o bom senso, encharcados de presunção. Tende paciência para com eles, sem consentir, porém, que sua influência resseque as línguas de entusiasmo de vossas almas.

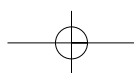
Tende cuidado à frente dos deveres que vos caibam, e, se os aceitastes deliberadamente, tratai de manter ânimo firme e boa vontade para que tudo seja realizado por vós sem reclamações ou lamúrias, com grandeza d'alma e felicidade.

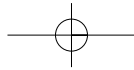
Nos serviços de Jesus Cristo,

não vos sintais obrigados a atuar. Não cabe constrangimento a quem deseja atender os propósitos da vida. A espontaneidade para trabalhar costuma libertar-nos dos carreiros de dor, de duros testemunhos, que podemos superar na ação do amor com que ajamos. Compreendi que o labor na Seara do Cristo, companheiros, deveria ser disputado por nós, perseguindo a honra de formar entre os estafetas do Grande Reino de Deus no solo do mundo.

Valorizai os conteúdos do imortal Espiritismo, pondo-vos, dia a dia, na esfera venturosa dos seus ensinamentos, o que significa implementar a sua vivência.

Na oportunidade presente, acompanhado por nossos caros Jerônimo Ribeiro, Pedro da Rocha Costa e Nero Abranches, bem como de tantos outros servidores da Seara Espírita Capixaba, desejo abraçar, com fundo apreço e augúrios de progressos efetivos, os velhos e novos irmãos e amigos da Federação Espírita Brasileira, e afirmo-vos que prossigo, humildemente embora, oferecendo minha empobrecida e despretensiosa cooperação aos seus trabalhos, ansioso por aprender e crescer, como sempre, posto que das dimensões do Infinito é que melhor compreendemos o brilho e a grandiloqua expressão do Consolador que, quando no mundo, nem sempre conseguimos penetrar devidamente.





Eis o tempo que urge. Não vos permitais deter os passos, agora que já vos sensibilizais, tanto quanto nós outros do além, pela presença solar do Cristo, que o Espiritismo filtra para o nosso necessário entendimento.

Eis a hora, amigos. Trabalhai com afinco e sede felizes.

Abraça-vos o permanente servidor,

Ubaldo Ramalhete

(Mensagem psicografada pelo médium Raul Teixeira durante a palestra de Divaldo Franco no Teatro Pedro Calmon do Quartel General do Exército, em Brasília, no dia 21/11/2004.)

O trabalhador e Jesus

Em verdade, esses são dias de confusões na alma do mundo, causando dificuldades na ação do bem.

Jesus, contudo, já houvera asseverado que, na Terra, a alma humana só encontraria aflições.

Há sombras que se avolumam no cerne dos seres, promovendo a sanha da violência e do crime em toda parte.

Mas, Jesus afirmara que tanto o homem bom quanto o mau retiravam os fundamentos das suas obras dos próprios corações.

Esses são tempos nos quais identificamos a devastadora atividade do materialismo e a impertinência de interesses egoísticos que espalham a miséria da guerra.

Entretanto, Jesus estabeleceu que seriam bem-aventurados os pacificadores.

Um agigantado número de indivíduos, doentes e necessitados de variados matizes, num mundo de bilhões de almas, ainda sofre a tortura da desconsideração e do abandono.

Porém, é bom recordar a ação de Jesus, considerando que Ele afir-

mou não ter vindo para os sãos e sim para os enfermos.



Dr. Guilherme Taylor March

Vê-se a hipocrisia que se amplia nos arraiais planetários, levando ao engano, à ilusão, numerosas criaturas, que se entregam inermes à falácia de tantos que, de fala fácil, convincente e de corações ensombrados, esmeram-se por triunfar no imediatismo do mundo.

Jesus, no entanto, advertiu para que tivéssemos cuidado com os falsos profetas, disseminados aqui e ali.

Localizam-se atitudes antifraternais, expressas por meio de intrigas, de agressões de vários tipos, de ignomínias que estabelecem com-

prometimentos infelizes, provocando muito sofrimento e muita frustração desalentadores.

Mas, Jesus explicou que se O levaram à praça do escárnio e ao madeiro infamante, Ele que era o *ramo verde*, o que é que devem esperar as *varas secas* que nós representamos?

Às vezes, o desalento ronda a trajetória dos servos do bem, em razão de tantas e exaustivas pelepas com que se defrontam, como se carregassem o peso do mundo sobre os ombros cansados.

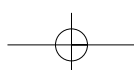
Porém, vale não olvidar a recomendação de Jesus: *Tende bom ânimo!*

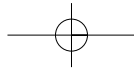
...

Sejam, então, quais forem os problemas que se apresentem nos passos do teu caminho terreno, caro amigo, quaisquer que sejam os desafios que se insurjam na tua rota evolutiva, seja em teu próprio íntimo, no relacionamento familiar ou nas lidas da seara em que trabalhas a tua fé, terás em Jesus Cristo o ancoradouro seguro para o coração, a orientação e o conforto moral de que necessites. Nele encontrarás sempre as respostas às tuas inquietações, a fim de que não te alarmes, não te atormentes, mas para que possas seguir caminho afora, superando as deficiências em torno de ti, cumprindo a parte que te cabe cumprir na cooperação com a Obra de Deus, sob a claridade do Consolador.

Guilherme March

(Mensagem psicografada pelo médium Raul Teixeira, durante a Reunião Ordinária do Conselho Federativo Nacional da FEB, em 20/11/2004, Brasília-DF.)





A FEB E O ESPERANTO

O euro unificou a Europa?

Hélio Ribeiro Loureiro

Quando viajavam à Europa, um sério problema tinham os turistas a enfrentar: o câmbio. Países relativamente próximos, com moedas diferentes, com valores diferentes... Eis que surge o euro, a moeda da União Européia implantada com boa aceitação pela maioria dos países-membros e muita reserva por outros. Já se conta com um Parlamento Europeu, com uma Constituição Européia, e a moeda era o passo mais ousado que faltava na unificação de parte do continente europeu. A Suíça ficou de fora do euro, preferindo continuar com o seu franco, assim como a Inglaterra, com a sua libra esterlina.

Quando de nossa ida à Europa para participar do 4º Congresso Espírita Mundial, em Paris, estivemos na Holanda, na Espanha e em Portugal, e temos algumas considerações importantes a trazer à tona, para a nossa reflexão sobre o processo de unificação que praticamente envolve todo o mundo.

Quando de nossa estada na Holanda, ficamos na casa de amigos na região da Frislândia, onde se fala um dialeto que os habitantes locais gostam de dizer que é língua, chamada *fris*. Ela não é entendida pelos holandeses, mas existem jornais diários nesta língua, que é ensinada na escola daquela região.

Em Paris, passamos por diversas experiências em que a barreira lingüística se fez presente, como, por exemplo, quando íamos aos restaurantes. Paris é a cidade mais visitada do mundo e os garçons, no mínimo, deveriam falar outra língua para atender bem aos clientes do mundo inteiro. Pois não é isso que acontece. Bem perto da Catedral de Notre-Dame existem vários restaurantes onde milhares de turistas fazem suas refeições. Pois lá praticamente só se fala e só se entende o francês. Foi o que vivenciamos.

Chegando na Espanha, fomos, a convite, conhecer a região da Galícia, que faz fronteira com Portugal. Mais uma vez a barreira lingüística fez-se presente, dando-nos a certeza de que a unificação da Europa demorará muito, neste sentido. Na Galícia fala-se o galego, que é ensinado nas escolas, existindo vários jornais, revistas, estação de TV e várias de rádio, onde o galego é falado. Por ser uma região autônoma da Espanha, a lei local determina o estudo e a divulgação não só da língua, como da cultura galega.

No Dia Nacional da Espanha, 12 de outubro, como é feriado, fomos visitar Portugal, que fica a pouco mais de treze quilômetros de onde estávamos. Lá, em Valença do Minho, conversamos com um comerciante português que já esteve várias vezes no Brasil, e ele nos in-

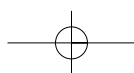
formou que a economia daquela cidade depende, em grande parte, dos espanhóis, no caso, dos galegos. Enquanto conversávamos, percebemos a dificuldade reinante no atendimento comercial, pois por diversas vezes as palavras não eram entendidas pelos portugueses que, certamente, estudam o castelhano, língua adotada oficialmente em toda a Espanha.

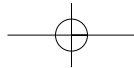
...

São, sem dúvida alguma, sinais de que, sendo o problema lingüístico algo bem concreto, palpável, a Humanidade um dia terá, em nome do Progresso, a sua verdadeira língua internacional que, aliás, já existe e certamente contribuirá não somente para que se atinja a unificação de uma região, de um continente, mas a aproximação de todos os povos do mundo na formação de uma verdadeira família planetária.

Lembramo-nos, então, da descrição, feita pelo Espírito Camilo Castelo Branco na obra *Memórias de um Suicida**, da aula inaugural de um curso de Esperanto oferecido aos matriculados no Setor Universitário da colônia espiritual em que estagiavam, quando seus mestres enfatizavam os grandes prejuízos ao progresso causados pela multiplici-

*Psicografada por Yvonne A. Pereira, sob o pseudônimo de Camilo Cândido Botelho. Ed. FEB.





dade dos idiomas nas sociedades terrenas. Transcrevemos aqui, como reforço de argumentação, um sugestivo trecho em que se evidencia a grande esperança depositada no Esperanto pelas Esferas Espirituais que dirigem os destinos humanos:

“(...) Minúcias, ramificações, conseqüências surpreendentes até mesmo dentro do lar doméstico, empeços desanimadores, no alongamento das relações e até do amor, entre as nações, os povos e os indivíduos, tudo foi magistralmente examinado desde as primeiras civilizações contempladas no planeta até ao século XX, que eu próprio não alcançara no plano material. E, depois, a simplificação dos mesmos casos, a remoção das mesmas dificuldades, a aurora de um progresso franco, também alicerçado na clareza de um idioma que será patrimônio universal, da mesma forma que a *Fraternidade e o Amor*, unindo idéias, mentes, corações e esforços para um único movimento geral, uma gloriosa conquista: – a difusão da cultura em geral, a aproximação dos povos para o triunfo da unidade de vistas, a felicidade das criaturas! (Cap. “Últimos traços”, p. 667-668 da 2. ed. especial, FEB.)

Foi Lázaro Luís Zamenhof quem nos deixou este legado, como verdadeiro patrimônio da Humanidade: uma língua que traz consigo uma motivação fraternal, visando aproximar os homens, uma língua efetivamente de unificação – o Esperanto. Que um dia a Humanidade ponha em prática a nobre aspiração daquele missionário da *Fraternidade*: “Para cada povo, a sua língua. Para todos os povos, o Esperanto.” ■

RETORNO À PÁTRIA ESPIRITUAL

Aureliano Alves Netto

O jornalista e escritor espírita Aureliano Alves Netto desencarnou no dia 7 de outubro de 2004, na cidade de Caruaru, Pernambuco. Autor de 22 livros e de centenas de artigos inspirados, fruto de rigorosa pesquisa, Netto destacou-se na imprensa espírita do século XX.

Dono de excelente memória, seus textos primam pela exatidão de conceitos doutrinários e pela linguagem refinada e clara, sem preciosismos. Defendeu o estudo das obras de Allan Kardec, a fraternidade no trato entre os espíritas e discorreu com igual desenvoltura sobre temas científicos, filosóficos e morais. Com amigos como Celso Martins, Maria Thereza Oliveira e Cristóvam Marques Pessoa publicou diversos livros, em parcerias harmoniosas. Entre suas obras destacam-se *Caminho de Luz*, Ex-



traordinários Fenômenos Espíritas, *Luz na Penumbra*, *Extraordinárias Curas Espirituais*, *O Espiritismo Explica*, *Colar de Pérolas*, *Janela Aberta para o Mundo*, *A Visão Espírita dos Fatos e Pelos Caminhos da Vida*. Escreveu para *Reformador* e dezenas de jornais

e revistas, espíritas e não espíritas.

Nascido no dia 14 de setembro de 1914, em Condeúba (BA), Aureliano Alves Netto aposentou-se como auditor fiscal do Ministério da Fazenda. Era casado com Cândida Souza e pai de Maria Helena, Maria Isabel e Marco Aurélio (desencarnado).

Desencarnou em decorrência de insuficiência respiratória, no Hospital Santa Efigênia, em Caruaru, após longa enfermidade. Sua biblioteca de mais de dois mil livros foi doada para o Lar Espírita Chico Xavier, em Candeias (PE).

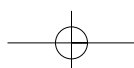
Vilma de Macedo Souza

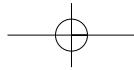
Desencarnou na madrugada do dia 5 de novembro de 2004, no Hospital da Ordem Terceira da Penitência, Tijuca-RJ, a confreira Vilma de Macedo Souza.

Além das múltiplas tarefas na seara espírita, presidiu por doze anos a União Espírita “Fernandes Fi-

gueira e Bezerra de Menezes”. É autora do Álbum de Música “Evangelição em Notas Musicais”, com CD em 6 volumes, editado pela FEB.

À caríssima companheira direcionamos o nosso pensamento com os votos de muito Progresso e Paz.





Carnaval — uma falsa alegria

Adésio Alves Machado

Entre o Espiritismo e o carnaval não existem barreiras intransponíveis, mas, sim, a possibilidade abençoada de a criatura exercitar uma de suas prioridades existenciais, isto é, saber escolher o que mais lhe convém, o que realmente priorizar como verdadeira diversão.

Podemos, neste ensejo, buscar a palavra de Paulo de Tarso, quando ele afirmou de forma a não deixar dúvidas sobre a questão aqui enfocada: “Tudo me é lícito, mas nem tudo me convém” (I Cor., 10: 23).

As “alegrias” experimentadas nos dias de carnaval costumam deixar resíduos morais nocivos na alma, tornando-os traumáticos, permanentes, marcantes. A história desta festividade mostra as sobras da amargura, da tristeza, dos aborrecimentos, dos desajustes familiares, dos desequilíbrios financeiros, das violências de todos os tipos, dos casos e mais casos das gestações indesejáveis, entre outras cruéis e dolorosas situações deixadas como rastros dessa mascarada, mentirosa alegria. O tempo de as famílias inocentemente sentarem-se nas calçadas para ver os blocos passarem ficou na saudade. Em substituição, surgiu não só a necessidade cada vez maior de uma comercialização insaciá-

vel, com lucros exorbitantes, como também o extravasamento sempre audacioso do instinto sexual, da sensualidade, tema este largamente trabalhado com fins comerciais, tanto interna quanto externamente.

Vale ressaltar, na oportunidade, que o homem é o mesmo, carregando dentro de si o desejo do prazer genésico como objetivo a ser alcançado na vida.

O carnaval de hoje destrói a saúde física e moral, desnatura a pureza dos sentimentos nobres e impede maior expansão e expressão da caridade.

Nenhum Espírito que já desfrute do verdadeiro equilíbrio de sentimentos e emoções e logicamente do bom senso, condições estas que presidem o destino das criaturas, pode escolher, como alegria, a loucura do carnaval que adormece o ser, em detrimento daquelas outras formas de alegria, as quais levam as pessoas ao deleite de um bem-estar espiritual, e que podem ser assim enumeradas: a leitura de uma página doutrinária espírita; a convivência e conversação com pessoas que aspiram a absorção dos valores espirituais, o passeio no campo ou na praia, enfim, tudo que tenha como cenário de fundo a Natureza, que expressa o canto celeste da Vida em sua real dimensão – a espiritual.

Dentro da atualidade tecnológica, quando novos conhecimentos

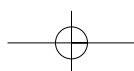
felicitem a mentalidade humana, falta a compreensão precisa do que seja alegria, felicidade, bem-estar moral/espiritual. É exatamente o Espiritismo que procura descerrar as belezas da vida do espírito e os objetivos sagrados da reencarnação, direcionando o homem para sua realidade de Espírito reencarnado, aprendendo a não reincidir nos mesmos erros do passado.

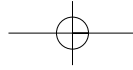
Nos dias atuais, mais ainda nos dos festejos carnavalescos, o que se presencia é a licenciosidade campeando assustadoramente; são momentos danosos que afetam o moral, fazendo com que o ser humano esqueça as inapreciáveis oportunidades de progresso espiritual.

O que mais nos intranquiliza e constrange é saber que há, nesses momentos de indisciplina sentimental – os dias de carnaval –, toda uma influência das forças das trevas espirituais nos corações das pessoas desassisadas, levando-as a ter que reparar, através de várias reencarnações, alguns instantes de prazer ilusório.

Enquanto tais pessoas se entregam a esses “prazeres” provocadores de desgastes físicos e morais, superlotando os salões ricamente decorados, os miseráveis da vida, de estômagos vazios e corações sedentos de amor, multiplicam-se nas ruas e estendem suas mãos súplices à caridade.

São cegos, enfermos, crianças abandonadas, mães aflitas e sofre-





doras que desfilam ao lado dos mascarados da pseudo-alegria.

Cada ano mais e mais contribuições abarrotam os cofres dos que lograram materializar essas festas.

Que nos preocupemos com os problemas nobres da vida, porque só assim poderemos transformar o supérfluo gasto nesses fugidios fol-

guedos na migalha abençoada capaz de suprir as reais necessidades dos mais carentes.

Enquanto houver um mendigo abandonado junto aos exuberantes gastos com o carnaval, somente se poderá registrar que continuamos passando a nós mesmos um eloqüente atestado da nossa miséria moral.

Terminamos estas singelas considerações sobre a falsa alegria que o carnaval propicia, lembrando, Humberto de Campos em *Novas Mensagens* (Ed. FEB), quando afirmou: “Os três dias de Momo são integralmente destinados ao levantamento das máscaras com que todo sujeito sai à rua nos demais dias do ano (...)” ■

Campo Experimental de Brasília

Encerramento dos Cursos de 2004

Realizou-se na sede da Federação Espírita Brasileira, em Brasília, no dia 11 de dezembro, a solenidade de encerramento dos cursos mantidos pelo seu Campo Experimental, dirigida pela Vice-Presidente Cecília Rocha, Supervisora do Campo Experimental de Brasília, com a participação do Presidente Nestor João Masotti e dos Vice-Presidentes Altivo Ferreira e José Carlos da Silva Silveira.

Foram avaliados, pelos respectivos coordenadores, os seguintes cursos: Estudo Avançado do Espi-



Composição da Mesa: Dirigentes da FEB e coordenadores dos Cursos

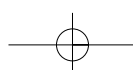
ritismo, por Marta Antunes de Oliveira Moura; Estudo da Mediunidade, por Edna Maria Fabro; Evangelização da Infância e Juventude, por Rute Vieira Ribeiro; Cursos do Departamento de Assistência Social, por Maria de Lourdes Pereira de Oliveira; e Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, por Elzio Antônio Cornélio, representando Tossei Yamashita.

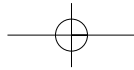
Em seguida, houve a cerimônia de conclusão de dois cursos: a Turma concluinte do Estudo da Mediunidade (Programa II) e a Turma concluinte do ESDE (Programa VI).

A solenidade foi encerrada com uma primorosa programação artística, da qual participaram a concertista Mariléia Conde Van Agelen, ao piano, e Paulo César Vieira Xavier, ao violino; e o Coral da FEB, sob a direção do maestro Ricardo de Sousa Castro. ■



Auditório: Cursistas e convidados





PÁGINAS DA *REVUE SPIRITE*

Teoria dos Sonhos

É realmente estranho que um fenômeno tão vulgar quanto o dos sonhos tenha sido objeto de tanta indiferença da parte da ciência, e que ainda se esteja a perguntar a causa dessas visões. Dizer que são produtos da imaginação não é resolver a questão; é uma dessas palavras com o auxílio da qual querem explicar o que não compreendem e que nada explicam. Em todo o caso, a imaginação é um produto do entendimento. Ora, como não se pode admitir entendimento nem imaginação na matéria bruta, é preciso que se creia que a alma nisto entra em alguma coisa. Se os sonhos ainda são um mistério para a ciência, é que ela se obstinou em fechar os olhos para a causa espiritual.

Procura-se a alma nos refolhos do cérebro, enquanto ela se ergue a cada instante à nossa frente, livre e independente, numa imensidão de fenômenos inexplicáveis tão-só pelas leis da matéria, notadamente nos sonhos, no sonambulismo natural e artificial e na dupla vista a distância; não nos fenômenos raros, excepcionais, sutis, que exigem pacientes pesquisas do sábio e do filósofo, mas nos mais vulgares; lá está ela, parecendo dizer: Olhai e me vedeis; estou aos vossos olhos e não

me vedes; vistest-me muitas e muitas vezes; vedest-me todos os dias; até as crianças me vêem; o sábio e o ignorante, o homem de gênio e o idiota me vêem, e não me reconhecem.

Mas há pessoas que parecem ter medo de olhá-la de frente, e de adquirir a prova de sua existência. Quanto aos que a procuram de boa-fé, até hoje lhes faltou a única chave com a qual a teriam reconhecido. Esta chave o Espiritismo acaba de dar pela lei que rege as relações entre o mundo corporal e o mundo espiritual. Auxiliado por esta lei e pelas observações sobre que se apóia, ele dá dos sonhos a mais lógica explicação jamais fornecida; demonstra que o sonho, o sonambulismo, o êxtase, a dupla vista, o pressentimento, a intuição do futuro, a penetração do pensamento não passam de variantes e de graus de um mesmo princípio: a emancipação da alma, mais ou menos despreendida da matéria.

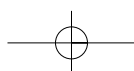
Em relação aos sonhos, dá ele conta precisa de todas as variedades que apresentam? Não, ainda não; possuímos o princípio, e já é muito; os que podemos explicar por-nos-ão no caminho dos outros; sem dúvida ainda nos faltam alguns conhecimentos, que adquiriremos mais tarde. Não há uma única ciência que, de um salto, tenha desenvolvido todas as suas conseqüências e aplicações; elas não poderão completar-se senão por

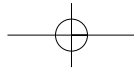
observações sucessivas. Ora, nascido ontem, o Espiritismo está como a química nas mãos dos Lavoisier e dos Berthollet, seus primeiros criadores; estes descobriram as leis fundamentais. As primeiras balizas fincadas puseram na via de novas descobertas.

Entre os sonhos uns há que têm um caráter de tal modo positivo que, racionalmente, não poderiam ser atribuídos apenas a um jogo da imaginação; tais são aqueles nos quais se adquire, ao despertar, a prova da realidade do que se viu, e em que absolutamente não se pensava. Os mais difíceis de explicar são os que nos apresentam imagens incoerentes, fantásticas, sem realidade aparente. Um estudo mais aprofundado do singular fenômeno das criações fluídicas sem dúvida nos porá no caminho.

Esperando, eis uma teoria que parece avançar um passo na questão. Não a damos como absoluta, mas como fundada na lógica e podendo ser objeto de estudo. Ela nos foi dada por um dos nossos melhores médiuns, em estado de sonambulismo muito lúcido, por ocasião do fato seguinte:

Instado pela mãe de uma jovem a lhe dar notícias da filha, que estava em Lyon, ele a viu deitada e adormecida, e descreveu com exatidão o apartamento em que se achava. Essa jovem, de dezesseis anos, era médium escrevente; a mãe perguntou se ela tinha aptidão para





tornar-se médium vidente. Esperai, disse o sonâmbulo, é preciso que eu siga o rasto de seu Espírito, que neste momento não está no corpo. Ela está aqui, na *villa Ségur*, na sala onde estamos, atraída pelo vosso pensamento; ela vos vê e vos escuta. Para ela é um sonho, do qual não se recordará ao despertar.

Pode-se, acrescenta ele, dividir os sonhos em três categorias, caracterizadas pelo grau da lembrança que resta no estado de desprendimento no qual se acha o Espírito. São:

1^o – Os sonhos provocados pela ação da matéria e dos sentidos sobre o Espírito, isto é, aqueles em que o organismo representa um papel preponderante pela união mais íntima entre o corpo e o Espírito. Deles nos lembramos claramente e, por pouco desenvolvida que seja a memória, conservamos uma impressão durável.

2^o – Os sonhos que podem ser chamados *mistos*. Participam ao mesmo tempo da matéria e do Espírito. O desprendimento é mais completo. Deles nos lembramos ao acordar, para os esquecer quase que instantaneamente, a menos que alguma particularidade venha despertar a sua lembrança.

3^o – Os sonhos *etéreos* ou puramente *espirituais*. São produzidos apenas pelo Espírito, que está desprendido da matéria, tanto quanto o pode estar durante a vida do corpo. Deles não nos recordamos; ou, se restasse uma vaga lembrança do que sonhamos, nenhuma circunstância poderia trazer à memória os incidentes do sono.

O sonho atual dessa jovem pertence à terceira categoria. Ela não se lembrará dele. Foi conduzi-

da aqui por um Espírito muito conhecido do mundo espírita lionês e, mesmo, do mundo espírita europeu (o sonâmbulo-médium descreve o Espírito Cárita). Ele a trouxe com o objetivo de que ela conserve, se não uma lembrança precisa, um pressentimento do bem que se pode haurir de uma crença firme, pura e santa, e do bem que se pode fazer aos outros, fazendo-o a si mesmo.

Ela diz à mãe que, caso se lembrasse tão bem em seu estado normal quanto se lembra agora de suas encarnações precedentes, não demoraria muito tempo no estado estacionário em que está, pois vê claramente e pode avançar sem hesitação, ao passo que no estado ordinário temos uma venda sobre os olhos. Ela diz aos assistentes: “Obrigado por vos terdes ocupado de mim.” Depois beija sua mãe. Como é feliz! acrescenta o médium, terminando, como é feliz com este sonho, do qual não se lembrará, mas que, nem por isso, deixará de lhe causar uma impressão salutar! São esses sonhos inconscientes que proporcionam essas sensações indefiníveis de contentamento e felicidade, de que não nos damos conta, e que são um antegozo daquilo de que desfrutam os Espíritos felizes.

Deduz-se daí que o Espírito encarnado pode sofrer transformações que modificam suas aptidões. Um fato que talvez não tenha sido suficientemente observado vem em apoio da teoria acima. Sabe-se que o esquecimento ao acordar é um dos caracteres do sonambulismo. Ora, do primeiro grau de lucidez o Espírito passa, por vezes, a um grau mais elevado, *que é diferente do êxtase*, e no qual adquire novas idéias

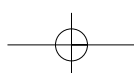
e percepções mais sutis. Saindo deste segundo grau para entrar no primeiro, não se lembrará do que disse, nem do que viu; depois, passando deste grau para o estado de vigília, há um novo esquecimento. Uma coisa a notar é que há lembrança do grau superior ao grau inferior, enquanto há esquecimento do grau inferior para o superior.

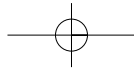
É, pois, bem evidente que entre os dois estados sonambúlicos de que acabamos de falar, passa-se algo análogo ao que ocorre entre o estado de vigília e o primeiro grau de lucidez; que o que se passa influi sobre as faculdades e as aptidões do Espírito. Dir-se-ia que do estado de vigília ao primeiro grau o Espírito é despojado de um véu; que do primeiro ao segundo grau é despojado de um segundo véu. Não mais existindo esses véus nos graus superiores, o Espírito vê o que está abaixo e se lembra; descendo a escala, os véus se refazem sucessivamente e lhe ocultam o que está acima, fazendo que deles perca a lembrança. Às vezes a vontade do magnetizador pode dissipar esse véu *fluidico* e restituir a lembrança.

Como se vê, há uma grande analogia entre esses dois estados sonambúlicos e as diversas categorias de sonhos descritos acima. Parece-nos mais que provável que, num caso e noutro, o Espírito se ache numa situação idêntica. A cada degrau que sobe, eleva-se acima de uma camada de névoa; sua visão e suas percepções são mais claras.

Allan Kardec

Fonte: *Revue Spirite (Revista Espírita)* – julho de 1865, p. 281-285, tradução de Evandro Noleto Bezerra – Ed. FEB.





Repensando Kardec Da Lei de Conservação

(Questões 702 a 727 de *O Livro dos Espíritos*)

Inaldo Lacerda Lima

Instinto de conservação. Indaga, inicialmente, o nosso esmerado Codificador se é lei da Natureza o instinto de conservação. E os Espíritos colaboradores do Cristo respondem com a firmeza que lhes é peculiar: “*Sem dúvida.*” E esclarecem que todos os seres vivos o possuem, não importando o grau de sua inteligência, sendo nuns de condição mecânica, enquanto noutros (aqueles mais adiantados), de forma já raciocinada.

Mas, na questão seguinte (703), procurando aprofundar conhecimentos, ele busca, através dos Espíritos, esclarecer bem o fim para que outorgou o Criador e Pai a todos os seres vivos o instinto de conservação. E a resposta veio, como se tal indagação já por eles fosse esperada: “*Porque todos têm que concorrer para cumprimento dos desígnios da Providência.*” E elucidam que está nisso a razão pela qual o Criador a todos concedeu a necessidade de viver, necessidade esta indispensável ao aperfeiçoamento de todos, mesmo daqueles que o desenvolvem sem o perceberem.

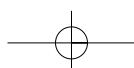
Meios de conservação. Nas questões seguintes (704 a 710), Allan Kardec, em face dessa necessidade de viver e aperfeiçoar-se, especificamente em relação ao homem, indaga se Deus lhe facultou, em todos os tempos, os meios de o conseguir. Os Espíritos, sempre solícitos no sentido da melhor clareza possível, fazem-lhe ver que se o homem não encontra tais meios, é que não os procura, pois não fora possível que a Divindade, criando para o homem a necessidade de viver, não lhe garantisse os meios de o conseguir e aplicá-los, conscientemente. Daí o ter dado à Terra todas as condições de produzir o necessário aos seus habitantes, uma vez que só o necessário é útil. E sabiamente acrescentam: “*(...) O supérfluo nunca o é.*”

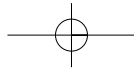
Mas, nosso mestre Kardec, sabendo quanto o homem é ardiloso em suas conjecturas, indaga ainda: “Por que nem sempre a terra produz bastante para fornecer ao homem o necessário?” A resposta se alonga não para o nobre e percuente educador, mas para muitos de nós outros: “*É que, ingrato, o homem a despreza!*” E explicam de modo profundamente racional que a terra é excelente mãe. O homem,

muitas vezes acusa a própria Natureza daquilo que é resultado apenas da imperícia e imprevidência dele. E dizem, ainda, que a terra produziria sempre o necessário se com o necessário o homem se satisfizesse, acusando-o de empregar no supérfluo o que poderia ser bem aplicado no necessário. Chegam mesmo a dar exemplo do árabe, no deserto, que encontra, lá, sempre de que viver, pelo fato de não criar para si necessidades factícias. E concluem que imprevidente não é a Natureza, mas o homem que não tem sabido reger o seu viver.

O Codificador continua, ainda, em busca de outros esclarecimentos, nas questões 706 e 707, perguntando se por bens da Terra devem ser entendidos unicamente os produtos do solo. Confirmam os Espíritos Superiores que “*o solo é a fonte primacial donde dimanam todos os outros recursos*”; os quais, em definitivo, decorrem sempre de simples transformações dos produtos do solo. E esclarecem mais: “*Por bens da Terra se deve, pois, entender tudo de que o homem pode gozar neste mundo.*”

No entanto, lembra o Codificador que “é freqüente a certos indivíduos faltarem os meios de sub-





sistência, ainda quando os cerca a abundância.” E pergunta: “A que se deve atribuir isso?” Ao que respondem os Mensageiros: “*Ao egoísmo dos homens, que nem sempre fazem o que lhes cumpre.*” E concluem afirmando que devemos todos a nós mesmos tais dificuldades, citando as palavras de Jesus: “*Buscai e achareis.*”

Allan Kardec, em face da resposta deles, estende-se num longo comentário que deve ser lido por todos nós com muita atenção e acendrado interesse de ordem moral, que vale para não esquecermos nunca o *porquê* de nossa permanência no mundo, sem que deixemos de levar em consideração os próprios relatos das narrativas da História!...

Vemos, assim, quão pouco evoluiu o homem no que tange à moral. Pois há ainda em nosso planeta quem desconsidere o próprio Cristianismo!

Ainda bem que o número de pessoas boas e em condição de vivência fraternal já nos parece duas vezes maior do que o número dos maus e perversos. Verifica-se ainda, conforme nosso Kardec, em seu comentário, a grande contribuição da Ciência em favor do bem-estar social e da própria saúde, em todas as áreas de sua atuação.

Nas questões 708 e 709, procura o Codificador conduzir o estudioso do Espiritismo a uma melhor compreensão de suas privações como conseqüência da força mesma das coisas. E busca saber, do Mundo Maior, se terão cometido crime aqueles que em situações críticas foram levados a sacrificar seus semelhantes para matar a fome, e se tal crime não seria atenuado pela

imperiosa necessidade de viver, como resultante natural do instinto de conservação.

Todavia, os Espíritos Superiores, entendendo a intenção do Missionário, respondem que mesmo diante de uma prova cruel (mas nunca injusta!) compete ao homem refletir com paciência, porquanto de antemão já sabia que a tal situação seria possivelmente exposto. Seu mérito, portanto, consiste em submeter-se à vontade de Deus. E acrescentam, como que em resposta à questão 709, anteriormente formulada, que haverá sempre mais mérito em sofrer todas as provações da vida com coragem e abnegação do que, em desespero, praticar homicídio e crimes de lesa-natureza, pelo que será duplamente punido.

O uso dos bens da Terra é um direito de todos os homens, como conseqüência da sua necessidade de viver

Para concluir o assunto – *Meios de Conservação* –, indaga ainda se nos mundos de organização mais apurada têm os seres vivos necessidade de alimentação. Os Espíritos respondem afirmativamente, porém, elucidando que, nesses mundos, o alimento está relacionado com a natureza deles, o qual não seria suficientemente satisfatório aos nossos estômagos grosseiros, do mesmo modo que os seus não te-

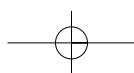
riam condição de digerir o nosso!

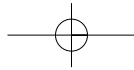
Gozo dos bens terrenos. Eis que, na questão 711, ao procurar saber o mestre Kardec se o uso dos bens da Terra é um direito de todos os homens, observemos a logicidade da resposta: “*Esse direito é conseqüente da necessidade de viver. Deus não imporá um dever sem dar ao homem o meio de cumpri-lo.*”

Mas o Codificador vai mais a fundo em sua indagação, levando naturalmente em conta a pertinácia do homem: “Com que fim pôs Deus atrativos no gozo dos bens materiais?” Os Espíritos respondem: “*Para instigar o homem ao cumprimento da sua missão e para experimentá-lo por meio da tentação.*” O Codificador insiste, aproveitando o termo: “Qual o objetivo dessa tentação?” Ao que responderam: “*Desenvolver-lhe a razão, que deve preservá-lo dos excessos.*”

Num comentário rápido, o Missionário da Terceira Revelação faz-nos ver que, se o ser humano só fosse instigado a usar os bens terrenos pela utilidade que têm, sua indiferença poderia ter comprometido a harmonia do Universo. Assim, Deus imprimiu a tal uso o atrativo do prazer, e quis também, através desse atrativo, experimentá-lo pela tentação que, mesmo o arrastando para o abuso, dá-lhe ocasião de conter-se pelo uso da razão.

Na questão 713, indagou se a Natureza traçou limites a esses gozos. E os Espíritos responderam que sim, objetivando a compreensão do limite do necessário. Mas lembram que pelos excessos chegou o homem à saciedade, punindo-se a si mesmo. E, como que procurando despertar no estudioso a voz da consciência, indaga ainda “Que se





deve pensar do homem que procura nos excessos de todo gênero o requinte dos gozos?” Os prepostos do Alto exclamam: “– *Pobre criatura! mais digna é de lástima que de inveja, pois mais perto está da morte!*” Pergunta ainda Allan Kardec: “– Perto da morte física, ou da morte moral?” E eles respondem: “*De ambas.*”

Em seu comentário, elucidando-nos o Codificador que o homem, que procura nos excessos o requinte do gozo, coloca-se abaixo do bruto, pois que este sabe deter-se, quando satisfeita a sua necessidade, enquanto o homem abdica da razão que Deus lhe deu por guia, sofrendo, em consequência, toda a sorte de enfermidades e a própria morte física como resultado de seus abusos, enfim, punição por transgredir a lei de Deus, nosso Criador e Pai.

Necessário e supérfluo. Envolvendo as questões 715 a 717, provoca Allan Kardec esclarecimentos quanto ao limite do necessário. E os Espíritos alertam: “*Aquele que é ponderado o conhece por intuição.*” Mas adiantam que “*muitos só o conhecem por experiência e à sua própria custa.*” Isto é, pela dor!

Em seguida, Kardec, ao dar profundidade ao assunto, lembra que em face da organização concedida por Deus, bem traçou a Natureza o limite de nossas necessidades. “*Sem dúvida – respondem – mas o homem é insaciável.*” E esclarecem que mesmo tendo a própria Natureza traçado o limite de suas necessidades, pelos vícios a que se entregaram, conseguiram alterar sua própria constituição, criando para si mesmos necessidades irreais.

O grande educador, penetran-

do no pensamento dos Espíritos amigos, faz-lhes a última indagação sobre o assunto, nesses termos (questão 717): “Que se há de pensar dos que açambarcam os bens da Terra para se proporcionarem o supérfluo, em prejuízo daqueles a quem falta o necessário?” Eles respondem de modo claro e incisivo: “*Olvidam a lei de Deus e terão que responder pelas privações que houverem causado aos outros.*”

Deus não condena a procura do bem-estar, desde que não seja conseguido à custa de outrem

Do comentário que se segue, podemos depreender que os Espíritos Reveladores não pretendem, com as suas sábias elucidaciones, que o homem civilizado deva viver à maneira dos selvagens. Não! Mas mostram que se à luz da razão procurasse a medida correta das coisas, desenvolveria com a própria civilização o senso de suas condições morais mais elevadas, ajustando-se – todos – a uma existência fraternal e digna. Na verdade, os que vivem à custa da privação dos outros exploram os benefícios da Civilização, tal como aqueles que “*da religião só têm a máscara*”.

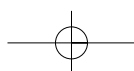
Privações voluntárias. Mortificações: Constituem a parte final deste estudo acerca da Lei de Conservação. De modo que, na questão 718, indaga o Codificador da Dou-

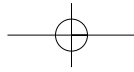
trina prometida por Jesus, preparando a mente dos leitores estudiosos para uma compreensão plena do assunto: “A lei de conservação obriga o homem a prover às necessidades do corpo?” E a resposta é positiva: “*Sim, porque, sem força e saúde, impossível é o trabalho.*”

Dessa forma, em face das indagações seguintes – 719 a 727 – tomamos conhecimento de tudo quanto Allan Kardec desdobra, por exemplo, no capítulo XVII de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, que trata da Perfeição! Senão, vejamos a resposta dos Espíritos à questão 719: “*É natural o desejo do bem-estar. Deus só proíbe o abuso, por ser contrário à conservação. Ele não condena a procura do bem-estar, desde que não seja conseguido à custa de outrem e não venha a diminuir-vos nem as forças físicas, nem as forças morais.*”

Quanto ao mérito das privações voluntárias (questão 720), esclarecem-nos: “*Fazei o bem aos vossos semelhantes e mais mérito tereis.*” Há privações voluntárias meritórias, sim: a privação dos gozos inúteis tem o poder de desprender o homem da matéria, elevando-lhe a alma, pois “*meritório é resistir à tentação que arrasta ao excesso ou ao gozo das coisas inúteis*”. É que, assim agindo, desenvolve a criatura o espírito de caridade.

Quanto às mortificações ascéticas a que sempre se dedicaram os que com elas desejavam ascender a Deus, os Espíritos Superiores mandam que busquemos saber a quem elas aproveitam. Pois se somente servem aos que as praticam, não passam de puro e lastimável egoísmo. Todavia, se alguém se mortifica em favor do próximo necessita-





do e carente, tem-se aí exemplo da verdadeira caridade.

Em se tratando da abstenção de certos alimentos, prescrita a diversos povos, respondem os Espíritos: “Permitido é ao homem alimentar-se de tudo o que não lhe prejudique a saúde.” Referem-se, em sua resposta, a legisladores que, com um fim útil, entendiam de proibir o uso de certos alimentos, até apresentando tais proibições como emanadas de Deus. Talvez tenha isso inspirado Kardec, na questão 723, a indagar se a alimentação animal, pelo homem, é contrária à lei da Natureza. Ao que respondem os Espíritos Reveladores em termos que temos o dever de registrar aqui *ipsis verbis*: “Dada a vossa constituição física, a carne alimenta a carne, do contrário o homem perece. A lei de conservação lhe prescreve, como um dever, que mantenha suas forças e sua saúde, para cumprir a lei do trabalho. Ele, pois, tem que se alimentar conforme o reclame a sua organização.”

Antes, porém, de prosseguir, temos o dever de acrescentar alguma coisa em face de alguns Espíritos, em nossos dias, sugerirem evitarmos o uso da carne, e nisso encontrarmos algum apoio na própria ciência médica. Dentre esses, citamos apenas Irmão X, pseudônimo de Humberto de Campos, no livro intitulado *Cartas e Crônicas*, pela mediunidade de Francisco Cândido Xavier, numa mensagem que tem o título de “Treino para a Morte”. Esse Espírito não proíbe de modo abrupto o uso da alimentação carnal, mas sugere que procuremos aos poucos evitá-la, nos seguintes termos: “Comece a renovação de seus costumes pelo

prato de cada dia. Diminua gradativamente a volúpia de comer a carne dos animais.” Chamamos, aqui, a atenção para o termo *volúpia!*...

Na questão 724, porém, indaga Allan Kardec: “Será meritório abster-se o homem da alimentação animal, ou de outra qualquer, por expiação?” Eles respondem: “Sim, se praticar essa privação em benefício dos outros.” E esclarecem que aos olhos de Deus, só há mortificação “*havendo privação séria e útil.*” Por isso, qualificam de hipócritas os que apenas aparentemente se privam de alguma coisa.

A seguir nosso ínclito Kardec formula a questão 725 a respeito do que pensar das mutilações operadas no corpo do homem ou dos animais. Ao que os Espíritos do Mundo Maior, respondem com outra pergunta “*A que propósito, semelhante questão?*” Sem que o Codificador respondesse, eles mesmos esclarecem, de modo fraternal: “*Inquiri sempre vós mesmos se é útil aquilo de que porventura se trate.*” E acrescentam que não pode agradar a Deus o que seja inútil, porquanto o que for nocivo sempre será desagradável.

Em resposta à questão seguinte (726), e que de certo modo se

relaciona com a anterior, nossos orientadores da Espiritualidade assinalam: “*Os sofrimentos naturais são os únicos que elevam, porque vêm de Deus. Os sofrimentos voluntários de nada servem, quando não concorrem para o bem de outrem.*” Doar, por exemplo, alguma coisa do corpo, a quem está prestes a uma desencarnação dolorosa, *sim!*, nisso deverá haver grande mérito.

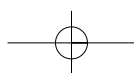
Em resposta à última questão do capítulo em estudo (727), os Espíritos Superiores dizem-nos, como esclarecimentos finais: “*Contra os perigos e os sofrimentos é que o instinto de conservação foi dado a todos os seres. Fustigai o vosso espírito e não o vosso corpo, mortificai o vosso orgulho, sufocai o vosso egoísmo, que se assemelha a uma serpente a vos roer o coração, e fareis muito mais pelo vosso adiantamento do que infligindo-vos rigores que já não são deste século.*” E lembremo-nos, aqui, que este pensamento dos nossos irmãos maiores do Espaço foi expresso no meado do século XIX, e estamos, hoje, no início do século XXI. Possivelmente, esta lembrança acrescenta alguma coisa a mais em nossa responsabilidade de Espíritos sempre em marcha evolutiva. ■

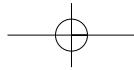
Leia
Revista Espírita
Allan Kardec

À venda:
Vol.: de 1858 a 1866
Ed. FEB

Tel.: (21) 2187-8282
vendas@febrasil.org.br - www.febnet.org.br







A força da oração

Jorge Leite de Oliveira

Seja o que for que peçais na prece, crede que o obtereis e concedido vos será o que pedirdes. (Marcos, cap. XI, v. 24. In: O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XXVII, it. 5.)

O jornal *Correio Braziliense*, em 24 de outubro de 2004, publicou uma página inteira do caderno BRASIL sobre o poder da oração. Segundo o jornalista Ullisses Campbell, da equipe desse periódico, o professor de Imunologia Carlos Eduardo Tosta, da Faculdade de Medicina (FMD) da Universidade de Brasília (UnB), fez uma pesquisa com o objetivo de constatar se as orações feitas a distância em benefício de alguém poderiam, cientificamente, ter sua eficácia comprovada.

O trabalho envolveu 52 alunos estudantes de Medicina da própria UnB e vários grupos de pessoas de diversas religiões que fazem orações em benefício alheio. Os alunos foram divididos em dois grupos de 26 pares, cada par composto de pessoas com a mesma idade, que não se conheciam.

Antes de receberem as orações, os alunos passaram por uma avaliação clínica e psicológica e, em seguida, fizeram teste sanguíneo para verificar sua defesa orgânica. Finalmente, a foto 3x4 de cada aluno foi entregue pelo pesquisador aos grupos de intercessores para que orassem diariamente por esses estudan-

tes, de quem ficaram sabendo apenas o primeiro nome. Mas apenas um aluno de cada par teve a foto e o nome conhecido pelos rezadores; o outro não recebeu qualquer prece.

Após três anos, foi feita a comparação entre os exames clínicos de todos os estudantes e verificou-se que o grupo de alunos que não receberam orações não teve qualquer alteração em suas células de defesa, enquanto o grupo beneficiado pelas preces ficou com o sistema imunológico mais resistente.

A conclusão do pesquisador, que se considera “transreligioso”¹, foi a de que “as preces têm efeito positivo na saúde”.

Segundo o autor do artigo, outros estudos feitos no exterior já haviam comprovado, e publicado em revistas científicas, os efeitos benéficos da prece sobre a saúde das pessoas enfermas. Afirma ainda que:

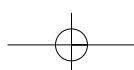
O maior estudo envolvendo religiosidade foi feito em 1988, na Califórnia, com quase 400 pacientes internados na unidade de tratamento intensivo (UTI) cardiológica de um hospital público. Metade desses pacientes receberam preces; a outra parte, não. Cada paciente tinha entre três e sete intercessores e seus médicos não

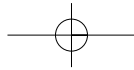
ficaram sabendo. Dez meses depois, ficou comprovado que os pacientes que receberam orações passaram a necessitar cada vez menos de ajuda de aparelhos para respirar. Até os edemas nos pulmões diminuíram.

Na avaliação do Dr. Tosta, citada pelo jornalista, “o médico aprende na universidade que nós somos um corpo que eventualmente adoce e que precisa de tratamento. Acontece que temos uma dimensão mental que vai além disso. Temos ansiedade, depressão e psicose (...). Além disso, temos a dimensão espiritual, que está sujeita a doenças causadas por sentimentos como inveja, raiva, ciúme e rancor. A Medicina ainda dá pouca importância a isso”.

Entretanto, podemos constatar que é grande o número de médicos, psicólogos, psiquiatras e outros profissionais da saúde que comparecem aos Centros Espíritas e aos templos religiosos para não somente manifestar sua fé no poder divino, como também estudar os efeitos da oração no auxílio ao tratamento médico. Nessa reportagem, a Sra. Helena Dias Mousinho, que participa de um grupo de mulheres que oram em favor de pacientes internados na UTI do Hospital de Base do Distrito Federal, afirma que “o centro que frequento, na L2 norte, é cheio de médicos”. O mesmo podemos dizer com relação ao que vimos constatando, ao longo de qua-

¹Na definição dada pelo Dr. Tosta e citada pelo jornalista, “transreligiosa” é a pessoa que aceita o que os “grandes mestres religiosos ensinam sem rótulos que definam se uma religião é melhor do que a outra”.





se duas décadas como monitor do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE), na Federação Espírita Brasileira. Entre os seus participantes, bom número deles é de médicos e outros profissionais da saúde.

Ao concluir seu artigo, o jornalista Campbell informa que o Dr. Tosta sugere a inclusão no currículo de Medicina da “disciplina espiritualidade”, na qual os estudantes aprendam sobre o poder da oração. E termina com a seguinte frase do Imunologista: “Todas as religiões têm prece. Até os budistas, que não acreditam em Deus, têm suas preces.”

Aí está uma interessante e oportuna proposta. Mas de nossa parte, temos a convicção de que, independentemente desses estudos, a prática cotidiana da oração é uma verdadeira fonte de revigoramento de nossas energias mentais e de nossas forças, para aceitarmos a vontade de Deus.

Afirma Kardec que, da máxima citada abaixo do título deste artigo, não é lógico deduzir que basta pedir para obter, mas não é justo julgar que Deus não atende a toda oração a Ele feita. A prece proferida com todo tipo de propósito, em particular o da aquisição de bens materiais, realmente só será atendida quando tivermos merecimento para obter o que pedimos. Entretanto, lembra o Codificador da Doutrina Espírita que *a coragem, a paciência e a resignação* serão sempre concedidas por Deus a quem lhas pedir com confiança, assim como os meios de libertar-se por si mesmo das dificuldades, proporcionando-lhe, nesse caso, o mérito da ação.

A oração pode beneficiar àquele que ora ou àquele por quem se ora. Pode ser feita para pedir, louvar ou agradecer a Deus um benefício, pois nada ocorre sem a vontade dEle, ainda que oremos recorrendo a Espíritos intermediários.

Nesse capítulo XXVII, item 10, de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, explica ainda Allan Kardec a forma de transmissão do pensamento através do *fluido universal*, no qual se inserem todos os seres, *encarnados e desencarnados*, sendo tal fluido veículo do pensamento e se estendendo ao infinito.

Dirigido, pois, o pensamento para um ser qualquer, na Terra ou no espaço, de encarnado para desencarnado, ou vice-versa, uma corrente fluídica se estabelece entre um e outro, transmitindo de um ao outro o pensamento, como o ar transmite o som.

A energia da corrente guarda proporção com a do pensamento e da vontade. É assim que os Espíritos ouvem a prece que lhes é dirigida, qualquer que seja o lugar onde se encontrem; é assim que os Espíritos se comunicam entre si, que nos transmitem suas inspirações, que relações se estabelecem a distância entre encarnados. (Kardec, op. cit.)

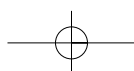
O Codificador conclui então que, se tal explicação torna compreensíveis os efeitos da prece, o “juiz supremo em todas as coisas” é Deus, sob cuja vontade e poder se subordinam os efeitos da oração.

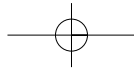
As preces feitas com sentimento puro em benefício próprio ou de outrem serão sempre ouvidas, independentemente da religião de quem

as faça. É muito importante orarmos de forma clara, concisa e simples, pois muito mais que as fórmulas preconcebidas e o grande número de palavras, as vibrações de nossa alma, a humildade e a submissão à vontade dessa Inteligência Suprema que rege todas as coisas – DEUS – é que proporcionarão à nossa oração o poder de cura e de superação de nossas provas.

Potencializadas pelo Amor, nossas energias em benefício do próximo modificarão para melhor os fluidos deletérios de suas enfermidades, proporcionando-lhes até mesmo a cura de suas doenças físicas. No entanto, nunca é demais lembrar o alerta de Jesus: “Vai e não peques mais.” Se o convalescente não se ajudar renovando sua mente com pensamentos elevados, evitando atitudes de impaciência, raiva e outras manifestações do desequilíbrio mental, fatalmente recairá no estado patológico anterior ou mesmo em outros mais graves.

Pela oração, entramos em comunhão direta com as potências divinas e, consoante as palavras de Jesus, removeremos as montanhas de nossas limitações, de nossas fraquezas e enfermidades. Por ela, enfim, receberemos e transmitiremos ao nosso próximo as vibrações elevadas do Amor Divino. Assim, seremos capazes de, nos transformando, contribuir na transformação do Mundo, pois já se disse que orar é semelhante a arar. E sendo o arado a metáfora do trabalho, quando trabalhamos emitindo as nossas energias mentais em benefício alheio, pela oração, associados aos emissários divinos, exercitamos o Amor, essa força maravilhosa sem a qual nada se consegue de bom. ■





A visão do homem acerca da erraticidade

Ismael Ramos das Neves

É ainda muito deficiente o conhecimento das criaturas humanas acerca da vida nos domínios da erraticidade, e, para que possamos fazer uma abordagem mais ampla sobre o assunto, comecemos recordando o que nos diz Allan Kardec, em *O Livro dos Médiuns*, no capítulo VIII, quando o Codificador nos fala dos Espíritos errantes, ou seja, daqueles seres extracorpóreos que desencarnaram na Terra e aguardam uma nova encarnação. A erraticidade é constituída, dessa forma, pela presença dos bilhões de Espíritos desencarnados que habitam as regiões vinculadas ao orbe terreno, estejam eles nos círculos sombrios da perturbação e do remorso ou fulgurem nas mais iluminadas colônias espirituais.

Não queremos, de modo nenhum, menosprezar o esforço de milhares de estudiosos que investigam os domínios da vida extrafísica, nem podemos esquecer o manancial dos conhecimentos que os Gênios Tutelares da Humanidade, através de centenas de mensageiros da luz, transmitiram, em todas as épocas, ao pensamento humano,

sendo nosso dever destacar que a própria Doutrina Espírita, revelada pelos Espíritos Superiores e codificada por Allan Kardec, tem vínculos com o conhecimento oculto das grandes Escolas do Oriente e guarda identificação com a mensagem de Jesus, o Cristo de Deus.

Importa considerar, porém, que os homens, em sua grande maioria, não se têm interessado pelo conhecimento espiritual, preferindo conceber a vida extrafísica como sendo um reino de fantasias e criando uma mentalidade supersticiosa, com um falso misticismo, como se Deus tivesse preferências por algum dos seus filhos ou como se a estrutura das igrejas humanas pudesse suprir as omissões em que vivem milhões de religiosos. Quando o fenômeno da morte física, inexoravelmente, lhes desafia a visão fantasiosa, eles se debatem ante o desespero, sem compreenderem que são almas eternas e que o túmulo é apenas uma transição para uma vida mais dinâmica, onde cada Espírito vai encontrar-se com a realidade de si mesmo.

O conhecimento da vida extrafísica encontra-se, em sentido oculto, na própria Bíblia e em todos os outros livros que se constituem roteiro dos grandes grupos religiosos da Terra. Muitas vezes, o simbolismo escondeu a essência de grandes

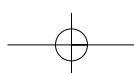
verdades, porque o raciocínio da criatura humana não tinha condições de suportar o fulgor da Luz Divina. Por essa razão é que, durante muitos séculos, a vida religiosa se restringiu a grupos fechados, como a Escola dos Essênios e de outros agrupamentos de instrutores da Sabedoria Antiga.

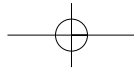
Quando ocorreu o cumprimento das profecias de Isaías e demais profetas, Jesus, o Messias Prometido, chega à Terra, e um Emisário sublime proclama: “Eis que vos trago Boa Nova de grande alegria, que será para todo povo.”

A Era do Evangelho desdobrou a todos os seres humanos a oportunidade de perceberem que, além da Terra, a vida se desdobra infinitamente e que Deus é Nosso Pai.

Hoje, no século XXI da Era Cristã, a Ciência Espírita, com o testemunho de centenas de pesquisadores, autentica os fenômenos da comunicação dos Espíritos e nos desdobra uma visão mais ampla da realidade em que eles vivem.

A fenomenologia mediúnica, que precedeu à revelação da Doutrina dos Espíritos, aparece, historicamente, como fase preparatória para que a Codificação de Allan Kardec lançasse as bases de uma Filosofia Transcendental, que deu ao homem uma visão mais iluminada





acerca da idéia de Deus e, explicando a imortalidade da alma e a comunicação dos Espíritos, fez luz na análise dos complexos questionamentos relacionados com a origem e o destino do homem, bem como sobre a razão de ser de suas dores ante a Augusta Justiça de Nosso Pai, graças ao conhecimento da bendita Lei da Reencarnação.

Os fenômenos mediúnicos prosseguem, dando cumprimento à profecia de Joel, citada em Atos dos Apóstolos (2:17-18), e, através da própria mediunidade, decorridas várias décadas da publicação de *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, eis que através do médium Francisco Cândido Xavier, o mundo contemporâneo começa a perceber, de modo mais claro, a erraticidade, consoante as descrições encontradas no livro *Nosso Lar*, ditadas pelo Espírito André Luiz, descrições essas que se desdobram em numerosos outros livros, de autoria do citado Espírito comunicante e através do mesmo medianeiro, que foi Chico Xavier.

A vida dos Espíritos errantes tem-se constituído tema de centenas de livros psicografados ou de autores encarnados, ampliando a bibliografia spiritista e alargando os horizontes dos investigadores do mundo extracorpóreo, através da transcomunicação, que se evidencia, no mundo contemporâneo, como sendo a presença dos Espíritos diretamente nos aparelhos de comunicação, como o rádio, o telefone, o computador e todos os demais mecanismos suscetíveis de registrar as suas mensagens.

Ante o desdobramento e o dinamismo que esta nova fase da pesquisa mediúnica proporciona aos

investigadores do mundo psíquico, lembramos que sempre ocorreram na Terra os fenômenos de escrita direta e de voz direta. A propósito, registramos um fenômeno ocorrido no Festim de Baltazar, consoante está narrado no Velho Testamento, quando a mão do Espírito comunicante escreveu diretamente sobre a parede, sem a necessidade da par-

ticipação do homem físico; e, na apoteose gloriosa da Natividade de Jesus, segundo o texto bíblico, os Espíritos Celestes enunciaram, pela voz direta, na quietude das cercanias de Belém de Judá, ante a Manjedoura singela, o enunciado sublime: “Glória a Deus, nas alturas; Boa Vontade para com os Homens, na Terra.” ■

Coração e Cérebro

Imaginemos um castelo de prodigiosa beleza, no cimo da montanha, talhado em ouro maciço, ostentando torres de cristal, ameias incrustadas de pérolas e pátios pavimentados de brilhantes, entre ogivas refulgentes, mas sem água que lhe garanta a habitabilidade e a alegria.

Ao clarão diurno, faísca de cintilações e, à noite, assemelha-se a santuário sublime vestido de prateada luz.

Entretanto, na aridez em que se encrava, reduz-se a solitário retiro, no qual somente as aranhas e as serpes da sombra se amontoam, rebeldes e envenenadas.

Eis, porém, que surge um dia em que de fonte oculta aflora no palácio um fio d'água humilde. E onde havia abandono aparece o pouso agasalhante, cercado de jardins, substituindo a segura que se enfeitava de pó.

Escorpiões e víboras fogem apressados, ante os hinos do trabalho e as vozes das crianças.

Temos nesses símbolos o cérebro supermentalizado e o coração regenerador.

O raciocínio erguido às culminâncias da cultura, mas sem a compreensão e sem a bondade que fluem do entendimento fraterno, pode ser um espetáculo de grandeza, mas estará distante do progresso e povoado pelos monstros das indagações esterilizantes ou inúteis.

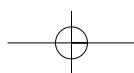
Enriqueçamo-lo, porém, com o manancial do sentimento puro e a inteligência converter-se-á, para nós e para os outros, num templo de sublimação e paz, consolo e esperança.

Cultivemos o cérebro sem olvidar o coração.

Sentir, para saber com amor; e saber, para sentir com sabedoria, porque o amor e a sabedoria são as asas dos anjos que já comungam a glória de Deus.

Meimei

Fonte: XAVIER, Francisco C. *Instruções Psicofônicas*. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, cap. 30, p. 143-144.



SEARA ESPÍRITA

Bahia: FEEB comemora 89 anos

A Federação Espírita do Estado da Bahia comemorou às 10 horas de 25 de dezembro – Dia de Natal – seus 89 anos de atividade, com palestra do médium e orador espírita baiano Divaldo Pereira Franco. Na ocasião, fez o lançamento oficial do XII Congresso Espírita da Bahia, que se realizará no Centro de Convenções, em Salvador, no período de 27 a 30 de outubro de 2005. A FEEB foi fundada em 25 de dezembro de 1915 com o nome de União Espírita da Bahia.

No dia 19 de dezembro, no Campo Grande, a comunidade espírita baiana participou do Movimento Você e a Paz, liderado por Divaldo Franco, que, na preparação desse grande evento, percorreu, durante o mês de dezembro, os bairros populares de Salvador, promovendo pequenos concentrações.

Mato Grosso: Congresso Espírita

Realiza-se em Cuiabá, de 21 a 24 de abril próximo, o 3º Congresso Espírita do Estado de Mato Grosso, com o tema *Espiritismo – Elo entre Ciência e Religião*, que será desenvolvido pelos expositores Divaldo Pereira Franco, José Raul Teixeira, Alberto Ribeiro de Almeida, Cosme Bastos Massi e Suely Caldas Schubert. Promove o evento a Federação Espírita do Estado de Mato Grosso.

Inglaterra: Sinal Verde em Inglês

O Grupo Espírita de Brighton (SGB) lançou em novembro de 2004 – ano do Bicentenário de nascimento de Allan Kardec –, vertido para o inglês com o nome *Green Light*, o livro *Sinal Verde*, do Espírito André Luiz, psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier. Informações com o Diretor do SGB, Publio Lentulus, pelo e-mail: publiolentulus@msn.com

FEB: Programa na TV —Terceira Revelação

A Federação Espírita Brasileira, através do Sistema Espírita de Comunicação (SEC), promove o programa de televisão *Terceira Revelação*, que alia conteúdo doutrinário e qualidade técnica, com toque jornalístico bem acentuado. Apresentado pela jornalista Cláudia Brasil, com direção do cineasta Ronaldo Duque, a

produção é de Daniel Amador. Cada edição tem um tema central, fundamentado nos princípios da Doutrina Espírita, e, no encerramento, apresenta o quadro “Evangelho no Ar”: comentários com base em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec. *Terceira Revelação* vai ao ar aos sábados, das 8h às 8h30, pela Rede CNT (TV a cabo NET). O boletim *Brasil Espírita*, deste mês, traz notícia complementar sobre o programa.

Bélgica: Divulgação do Espiritismo

A União Espírita Belga programou as seguintes conferências espíritas no início de 2005: Em 4 de fevereiro, conferência na sua sede sobre o 4º Congresso Espírita Mundial e o Conselho Espírita Internacional; em **Luxemburgo**, conferência no sábado, dia 22 de janeiro, sobre o tema *As provas científicas da sobrevivência da alma*; em **Seneffe**, na sexta-feira, dia 25 de fevereiro, com o mesmo tema acima.

Paraná: FEP inaugura Videoteca

Com o objetivo de complementar as disponibilidades ao público, junto à Biblioteca e à Biblioteca Infantil da sua Sede Histórica, a Federação Espírita do Paraná inaugurou, em 27 de novembro de 2004, a Videoteca, que oferece seus serviços de segunda a sexta-feira, das 8h30 às 18h, e, aos sábados, das 8h às 12h. Estarão disponíveis, mediante agendamento prévio, fitas de vídeo, DVDs, VCDs e CDDs, sendo permitida a utilização de apenas um destes itens por vez.

Bolívia: Congresso Espírita

A Federação Espírita Boliviana (FEBOL) promoverá em La Paz, no período de 25 a 27 de março próximo, o 4º Congresso Espírita Boliviano. A programação prevê duas conferências de Divaldo Pereira Franco, com os temas *Suicídio, aborto e eutanásia* e *O Espiritismo para o Terceiro Milênio*, além da sua participação em três painéis. O programa pode ser encontrado no boletim *Camino de Luz* ou na página www.spiritist.org/bolivia/index/html, ambos da FEBOL, cujo endereço é: Calle 382 entre Seoane e Buenos Aires – Casilla de Correo 6746 – Santa Cruz de la Sierra – Bolívia; telefax: (591) 3337-6060.